

PARQUE HISTÓRICO NACIONAL DOS GUARARAPES

PROJETO FÍSICO



PARQUE HISTÓRICO NACIONAL DOS GUARARAPES
PROJETO FÍSICO



RECIFE/1975

Este livro foi composto em grotesca normal (Linotipo Intertype), impresso em papel couché 180 gramas de procedência nacional e encadernado nas oficinas da Tipografia Marista. Clichês da Fotogravura Nabuco Telles. Fotos de Vladimir Barbosa e Cidno Silveira (Maquete). Programação Visual de Guilherme Cunha Lima.
Recife / abril / 1975.

Publicação patrocinada pelo convênio firmado entre o Ministério da Educação e Cultura através do Departamento de Assuntos Culturais e a Universidade Federal de Pernambuco para a elaboração do Projeto Físico do Parque Histórico Nacional dos Guararapes e tendo como Órgão Executor a Faculdade de Arquitetura da UFPE.

Sendo,

Presidente da República
General Emilio Garrastazu Médici

Ministro da Educação e Cultura
Senador Jarbas G. Passarinho

Diretor do Departamento de Assuntos Culturais
Arquiteto Renato de Azevedo Duarte Soeiro

Reitor da Universidade Federal de Pernambuco
Professor Marcionilo de Barros Lins

Pro-Reitor para Assuntos de Pesquisa e Intercâmbio Científico
Professor Paulo Frederico do Rêgo Maciel

Diretor da Faculdade de Arquitetura da UFPE
Professor Zildo Sena Caldas

Chefe do 1º Distrito do Instituto do Patrimônio Histórico
e Artístico Nacional
Professor Ayrton de Almeida Carvalho

O Projeto foi elaborado por Armando Holanda, Arquitetura e Planejamento S/C

Sendo a Equipe Técnica

PLANO GERAL E PROJETOS DE ARQUITETURA
Arquiteto Armando de Holanda Cavalcanti

PROJETO DE PAISAGISMO
Arquiteta Neide Fernandes de Souza

PROJETO DE PROGRAMAÇÃO VISUAL
Programador Guilherme Cunha Lima

COLABORADORES

Arquitetos
Alberto José de Souza
Maria Clara Ferraz
Ricardo Gama de Oliveira
Vera Millet Pinheiro

Programadores Visuais
Edna Lúcia Cunha Lima
José Júlio Gonçalves

Técnico em Orçamento
José Maria de Almeida

CONSULTORES

Geólogo Carlos Alberto Martins
Agrônomo Dárdano de Andrade Lima
Arquiteto Jório Cruz
Engenheiro José Raimundo Oliva

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO página 9

PARTE 1 NOTA SOBRE OS GUARARAPES página 11

O Local das Batalhas

A Igreja de N. S. dos Prazeres

O Parque Histórico Nacional dos Guararapes

PARTE 2 PLANO GERAL E PROJETO PAISAGÍSTICO página 19

O Partido do Parque

Vias e Portões de Acesso

Circulações Internas

Projeto Paisagístico

O Lago Artificial

Limites Propostos

Tratamento das Erosões

Transferência da População

Proteção Paisagística

Programa de Prioridades

PARTE 3 PROJETOS ARQUITETÔNICOS página 43

Partido dos Projetos Arquitetônicos

Listagem dos Equipamentos Programados

Solução de Algumas Edificações

PARTE 4 PROJETO DE PROGRAMAÇÃO VISUAL página 51

Símbolo do Parque

Projeto de Sinalização

PARTE 5 ANEXOS página 55

ANEXO 1 — Relatório do Geólogo

ANEXO 2 — Relatório do Botânico

ANEXO 3 — Orçamentos

AGRADECIMENTOS página 63

APRESENTAÇÃO

A Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal de Pernambuco sentiu-se, desde os primeiros momentos, comprometida com o Parque Histórico Nacional dos Guararapes.

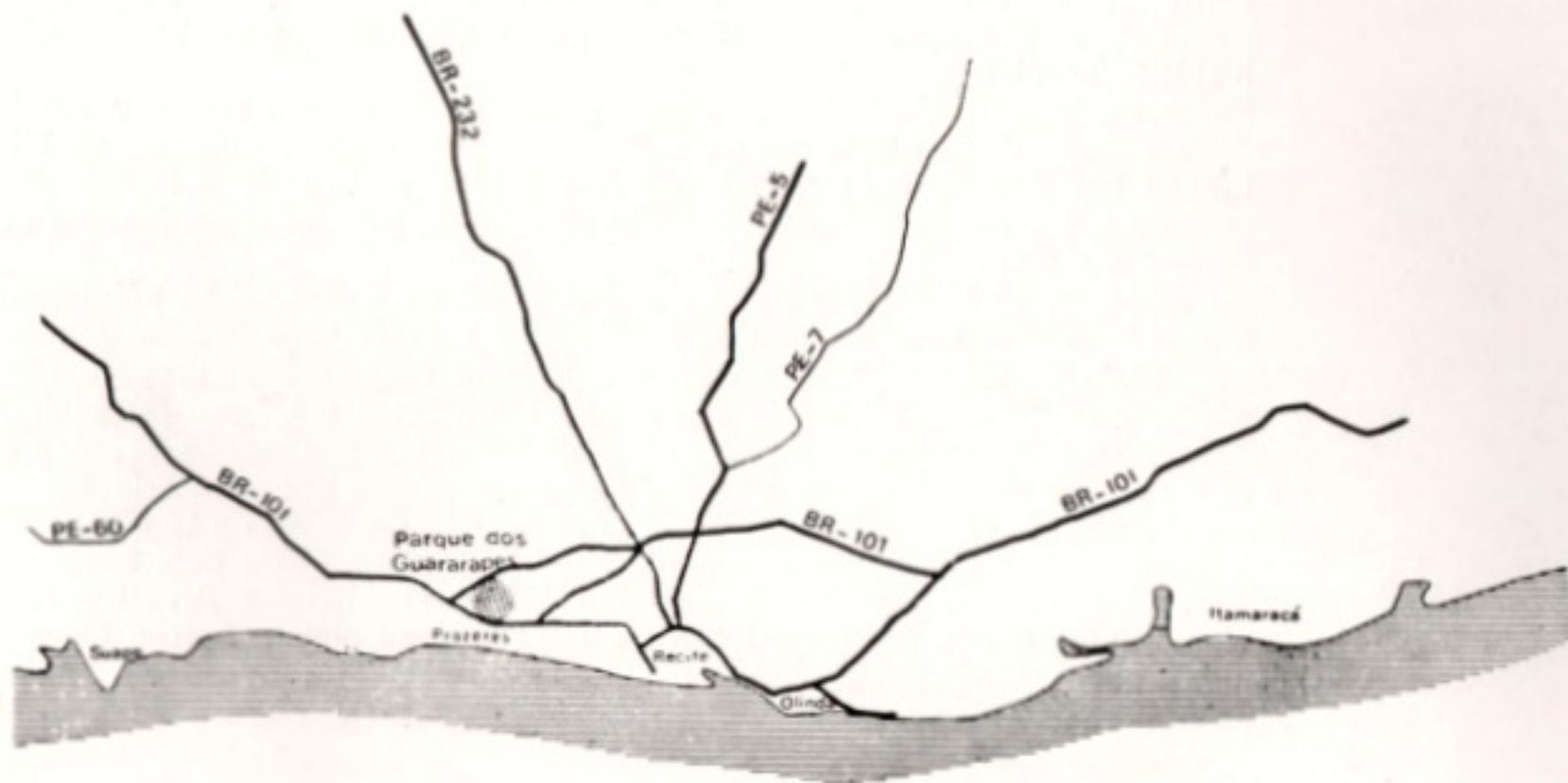
Apoiando a idéia de sua criação quando das primeiras notícias, defendeu sempre a tese de que nenhum monumento poderia ser mais significativo do que a própria igreja ali existente, erigida para perpetuar o fato histórico/heróico.

Por outro lado, a possibilidade de integrar a Universidade com a comunidade através de um trabalho de elevado conteúdo civico-cultural, constituiu-se um desafio à Faculdade de Arquitetura, motivando a busca dos caminhos que conduzissem à resposta procurada, fossem quais fossem as barreiras a transpor.

As dificuldades foram superadas, a determinação e a audácia afastaram a incerteza e a acomodação, a criatividade associou-se ao bom senso, permitindo que os valores mais altos fossem respeitados, propondo-se um tratamento ao sítio ao mesmo tempo respeitável e alegre. O resultado obtido, apresentado em suas linhas gerais nesta publicação, representa o esforço daqueles que, julgando-se responsáveis por uma criação se sentem obrigados a participar da sua implantação. Concluída a tarefa, resta a esperança de que novas caminhadas sejam empreendidas pela Faculdade de Arquitetura e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, interligados por esse traço de união que se chama Ayrton Carvalho, a quem, nesta publicação, a Faculdade de Arquitetura credita as mais justas homenagens.

ZILDO SENA CALDAS

Desenho 1
Localização do Parque no Grande Recife



PARTE 1

NOTAS SOBRE OS GUARARAPES

O LOCAL DAS BATALHAS

Os Montes Guararapes, situados no Distrito de Prazeres, Município de Jaboatão e distando 14 km ao sul do centro do Recife, desenvolvem-se perpendicularmente ao litoral, separando a Planície do Recife da Planície de Prazeres.

Do alto destes Montes, tem-se domínio da esplêndida paisagem circundante, abrangendo de norte a sul, as colinas de Olinda, a cidade do Recife e as elevações que a circundam, o Porto, as Praias de Boa Viagem e Piedade, o Aeroporto dos Guararapes (foto 1), a Planície de Prazeres, a Lagoa Olho D'água, o Cabo de Santo Agostinho, e finalmente a sudoeste os canais da Usina Muribeca.

Os Montes Guararapes compreendem três elevações, separadas por grotas estreitas: o Monte do Telégrafo ao norte, debruçado sobre a Planície do Recife (Desenho 2-c); o Monte dos Oitiseiros que se desenvolve no sentido leste/oeste (b); e correndo paralelo a sul deste, o Outeiro dos Guararapes, formado por duas elevações gêmeas, numa das quais está situada a Igreja de N. S. dos Prazeres. (a).

Os historiadores que se dedicaram ao estudo da Campanha da Restauração são unânimes em indicar a área acima descrita, bem como o local denominado «boqueirão», como o cenário das Batalhas de Guararapes, a primeira ocorrida no dia 19 de abril de 1648 e a segunda no dia 19 de fevereiro de 1649.

«O boqueirão era a entrada estreita ou garganta que se encontrava no monte que olha para nascente (Desenho 2, a) isto é, uma faixa de terra firme entre o tremedal de uma lagoa, que lhe ficava em frente, e o sopé da montanha que apresentava um desfiladeiro» (1). De acordo com o relato do Comandante do Exército Holandês, na Primeira Batalha as tropas luso-brasileiras foram encontradas postadas no boqueirão (2) enquanto na Segunda Batalha, os holandeses adiantando-se, ocuparam-o inicialmente.

Infelizmente, parte desta área está hoje comprometida, pela presença de grande número de construções do Distrito de Prazeres, bem como pela Via de Penetração Sul, que a isolou dos montes adjacentes.

A IGREJA DE N. S. DOS PRAZERES

Os Guararapes têm seu ponto focal na Igreja de N. S. dos Prazeres, cuja configuração atual resultou das ampliações realizadas, nos Séculos XVII e XVIII, na capela alpendrada, mandada construir em 1656 pelo Governador da Capitania de Pernambuco, o General Francisco Barreto de Menezes (3), «para perpetuar a memória e atestar à posteridade, de que a vitória da Batalha de Guararapes fora devida ao eficaz auxílio da Mãe de Deus», e pelo mesmo General doada à Ordem de São Bento em 8 de novembro de 1656 (4).

Em atendimento à vontade expressa dos que aí gloriosamente lutaram, o Santuário de N. S. dos Prazeres é, desde os tempos da singela capela, o monumento votivo de Guararapes, e como tal deverá ser valorizado (Fotos 2 e 3).

O PARQUE HISTÓRICO NACIONAL DOS GUARARAPES

A área de Guararapes tem sido motivo de proteção por parte do Governo Federal desde 1937, quando foi tombada a Igreja de N. S. dos Prazeres pelo Instituto do Patrimônio Histórico, na época dirigido pelo Dr. Rodrigo de Mello Franco. Foram as seguintes as providências legais mais significativas que culminaram com a criação do Parque Histórico Nacional dos Guararapes:

- 1 — Tombamento da área dos montes em 1965 no Governo do Presidente Marechal Castelo Branco.
- 2 — Desapropriação da mesma área, pertencente à Ordem de São Bento em 1966, também no Governo do Presidente Marechal Castelo Branco (Dec. nº 57.273 de 16-11-1965).
- 3 — Criação do Parque Histórico Nacional dos Guararapes em 1971 pelo Presidente General Emilio Garrastazu Médici (Dec. nº 68.527 de 19-04-1971).

Em seus limites atuais, o Parque possui uma área de 224,40 hectares, havendo no seu interior um polígono de 10 hectares pertencente à Ordem de São Bento. Parte desta área encontra-se protegida por cerca construída pelo INCRA em 1971.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) — Padre Lino do Monte Carmelo, in Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco, pág. 118, nº 13, out. 1866.
- (2) — Major Antônio de Souza Júnior, do Recôncavo aos Guararapes, pág. 150, 2ª Edição, Rio de Janeiro, 1949.
- (3) — José Luis Mota Meneses, Igreja de N. S. dos Prazeres de Guararapes, Ed. Escola Técnica Federal de Pernambuco, Recife, 1973.
- (4) — Padre Lino do Monte Carmelo, in Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco, pág. 270, nº 13, out. 1866.

Desenho 2
A topografia dos Montes Guararapes





Foto 1





Foto 3



PARTE 2

PLANO GERAL E PROJETO PAISAGÍSTICO

O PARTIDO DO PARQUE

Dois fatores básicos nos conduziram ao partido adotado para o Parque dos Guararapes:

- 1 — A paisagem dos montes e vales onde ocorreram as memoráveis batalhas.
- 2 — A dominante presença da Igreja de N. S. dos Prazeres.

Por outro lado, fomos condicionados por algumas obras já realizadas no Parque, como por exemplo a via interna principal, executada pelo DNER, com faixa de rolamento em concreto, nos moldes de uma rodovia, com longos trechos retos sobre cortes e aterros. (Foto 5) Em suas linhas gerais, adotamos a seguinte orientação para seu planejamento:

- 1 — Dotar o Parque de um ambiente contínuo, tratado na escala da paisagem e com a grandeza condizente a uma área histórica de interesse nacional.
- 2 — Obter um equilíbrio entre os equipamentos programados necessários ao desempenho de suas funções cívicas, culturais, religiosas, recreativas e administrativas, e a relativa exiguidade de sua área.
- 3 — Reduzir ao indispensável as vias de circulação de veículos.
- 4 — Distribuir os equipamentos nas áreas baixas e/ou fora do campo visual da Igreja (círculo de 700,00 m de raio, desenho 3).
- 5 — Liberar o terreno para sua valorização paisagística.

Como consequência, os equipamentos foram distribuídos de forma a se relacionarem pela afinidade de suas funções (ver plano geral, prancha final).

- 1 — Área religiosa, formada pela igreja, mosteiro, adro e área gramada para festas religiosas. Propomos o deslocamento da via interna, afastando-a 25,00 m da igreja e a criação de um estacionamento em cota inferior à do adro, de modo a proteger a área da circulação in-

discriminada de veículos. (Foto 6)

Propomos ainda o estudo de uma localização mais valorizada para as tumbas dos heróis André Vidal de Negreiros e João Fernandes Vieira, atualmente nas paredes laterais da capela-mor.

- 2 — Área cívico-cultural, formada pela Praça Cívica, situada no flanco norte do Monte dos Oitiseiros, numa plataforma existente em cota intermediária. Nesta praça aberta, destinada às solenidades militares, encontra-se o conjunto de mastros, o palanque para autoridades e fazendo-lhe fundo o Museu da Restauração. Mais acima, num terreno em concha localiza-se a arena, ao ar livre. (Foto 7)
- 3 — Área recreativa e de apoio turístico, localizada na planície sul e nas proximidades de um lago artificial. Neste setor se distribuem o pavilhão de botânica, a gaiola de pássaros, as quadras de esportes, o «camping», o Motel dos Guararapes e o Restaurante do Lago. (Foto 8)
- 4 — Área administrativa, situada um pouco isolada ao norte, onde se agrupam num edifício a administração, o corpo de guarda e os serviços auxiliares.
- 5 — Restaurante Panorâmico situado no alto da encosta norte do Monte do Telégrafo. Esta localização, ditada pela magnífica paisagem, levou-nos a uma atenção especial, visando garantir sua integração no monte. (Foto 9)

VIAS E PORTÕES DE ACESSO

O Parque é servido por duas vias de acesso (Desenho 3):

- 1 — BR-101, trecho de contorno do Recife, em fase de conclusão, por onde circulará todo o tráfego de passagem em demanda ao norte ou ao sul do País.
- 2 — Via de Penetração Sul, de ligação da BR-101 ao porto do Recife, a ser no futuro interligada ao sistema viário principal do Recife. A ampliação desta via está no momento em fase de concorrência para a elaboração do Projeto, não havendo nenhuma definição sobre o seu traçado. Espera-se, pelo futuro tráfego previsto, que venha a ter duas pistas com 10,50 m de largura separadas por canteiro com 6,00 m.

O Parque tem atualmente três portões de acesso, um pela BR-101 e dois pela Via de Penetração Sul. Preferimos centralizar o acesso de visitantes

no portão 2, criando um pavilhão com todas as facilidades agrupadas (bilheterias, entradas e saídas controladas, centro de informações turísticas, loja para venda de lembranças, sanitários, enfermaria, etc.), para melhor atendimento e controle. Nas proximidades deste portão, foram previstos uma via paralela de aproximação, paradas de ônibus, ponto de taxis, estacionamento para 700 veículos, a ser utilizado por ocasião das solenidades em que os veículos não penetram no Parque. O portão 1 fica destinado exclusivamente a veículos de serviço, enquanto o portão 3, pela BR-101, será utilizado para acesso ao motel e, eventualmente, ao «camping».

CIRCULAÇÕES INTERNAS

Adotamos nas vias internas de veículos mão única, de forma a obter um circuito contínuo, com uma melhor ordenação do tráfego e das áreas de estacionamento.

No Parque ficaram definidos dois circuitos de veículos (Desenho 3):

- 1 — **PEQUENO CIRCUITO** — correspondente à via pavimentada existente, dando acesso apenas à Praça Cívica e à Igreja e permitindo uma rápida visão panorâmica do seu conjunto.
- 2 — **GRANDE CIRCUITO** — com o acréscimo ao pequeno circuito de dois ramos, um ao norte indo até o Monte do Telégrafo, em parte implantado, e outro ao sul pela planície, aproveitando trecho da antiga estrada de Muribeca. Este circuito dá acesso a todos os setores do Parque e define o trajeto do transporte coletivo interno.

Os estacionamentos foram distribuídos ao longo das vias de forma a evitar novos movimentos de terra e a derrubada de árvores, exceção feita apenas aos estacionamentos da Praça Cívica e da Arena, isolados, devido as suas dimensões e situados em pontos onde a topografia natural fica mantida.

Sugerimos como transporte interno, a adoção de ônibus do tipo utilizado nos aeroportos, com pequena porcentagem de lugares sentados e portas amplas.

A circulação de pedestres se faz, a partir da entrada, por três linhas de passeios desenvolvidos ao longo dos vales, dando acesso às áreas religiosas, cívico-cultural e recreativa. Destas linhas partem os diversos caminhos secundários e de acesso aos montes.

Os passeios foram tratados de maneira informal com alargamentos para áreas de estar, play-grounds ou piqueniques e articulados às vias de cir-

culações de veículos através dos estacionamentos e pontos de parada dos ônibus internos.

PROJETO PAISAGÍSTICO

O levantamento realizado na área de Guararapes pelo Botânico Dárdano de Andrade Lima, cujo relatório incluímos como anexo 2, identificou as sub-áreas naturais indicadas no desenho 4.

Em relação ao tratamento vegetal do Parque, adotamos a seguinte orientação :

- 1 — Recompôr a vegetação de capoeira e tabuleiro dos montes que, por serem desabitados, mantiveram em parte seu caráter natural.
- 2 — Criar uma vegetação de porte nos vales, hoje desnudos, que terá continuidade com as áreas de coqueiros e sítios, localizados no vale e planície sul.
- 3 — Criar um lago na região alagada e, na área originalmente de restinga destruída pelas habitações existentes, lançar um grande jardim com árvores de floração vistosa.

A vegetação de porte a ser implantada, o coqueiral e os sítios criam um sombreamento ao longo das três linhas principais de passeios:

- 1 — Ramo sul, à esquerda principal e penetrando no sítio (Foto 10), com caminhos que se alargam em jardins, e onde, além da gaiola de pássaros e do pavilhão de botânica, existe uma área com plantas econômicas do Brasil (café, cana-de-açúcar, algodão, cacau, mate, etc...). Os vazios entre as árvores dos sítios recebem grupos de vegetação de floração. Este ramo atinge o lago e o grande jardim.
- 2 — Ramo oeste, em frente à entrada principal, coberto pelo coqueiral a ser tratado com gramado e árvores de floração na periferia.
- 3 — Ramo norte, à direita da entrada principal, cruzando o Monte dos Oitiseiros e indo atingir o vale norte, com um tratamento mais agreste, em vegetação de capoeira. (Foto 11)

Os limites do Parque recebem vegetação ora de porte, nos trechos em que convém protegê-lo visualmente de construções contíguas, ora arbustivas, nas áreas em que interessa manter a visão da paisagem externa.

O LAGO ARTIFICIAL

Na área do Parque correm dois riachos, a oeste o Riacho dos Prazeres

e a leste o Riacho da Batalha, perene no seu trecho mais baixo, que se encontram nas proximidades da BR-101, criando uma área alagada. (Foto 12)

Parece-nos de todo conveniente a criação de um lago nesta área, que além de promover um enriquecimento paisagístico, permite a recuperação dos trechos alagados da planície e a obtenção de uma reserva para irrigação.

Incluimos como anexo 1, parecer do Geólogo Carlos Alberto Martins sobre a viabilidade técnica do lago artificial.

LIMITES PROPOSTOS

Sugerimos a ampliação do Parque, com a incorporação das seguintes áreas : (Desenho 5)

Área 1 — Pertencente à Usina Muribeca, com 73,14 ha. e limitando-se com as divisas oeste e noroeste do Parque. Esta área é formada por uma elevação que se abre em forma de ferradura para a BR-101. Sua incorporação é fundamental para a proteção do ambiente da Igreja, bem como para garantir uma abertura visual do Parque para quem trafega pela BR-101.

No momento a Prefeitura de Jaboatão está construindo um cemitério nesta área, que deverá ser sustado, por sua péssima localização na vizinhança imediata do Parque, comprometendo a construção do motel e «camping».

Área 2 — Terreno em triângulo também pertencente à Usina Muribeca, com 6,7 ha. e localizado ao longo da BR-101 até o acesso ao Parque (Portão 3). A incorporação desta área também permitirá o desafogo visual do Parque para a BR-101, como também possibilitará a implantação do motel.

Área 3 — Polígono pertencente à Ordem de São Bento, com 10 hectares, localizado no entorno da Igreja. Sua incorporação daria à União condições de realizar os investimentos necessários para a reforma do mosteiro e o tratamento paisagístico do Outeiro dos Guararapes. Os Monges Beneditinos continuariam com a guarda da igreja e do mosteiro.

Área 4 — Trecho que avança na divisa sudoeste com 3,5 hectares. Este terreno pertencia à COMIDEAL — Indústria de Alimentos Supercongelados — que construiu a estrutura e alvenarias do edifício administrativo e as fundações do pavilhão industrial, estando as obras paralizadas desde 1970. Passando para a

posse da Construtora Guarantã, por escritura d'ação em pagamento, a propriedade está no momento posta em venda. Esta incorporação permite um melhor alinhamento da divisa, bem como a realização de trabalhos de contenção dos cortes sujeitos a forte erosão provocada pela terraplenagem descuidada quando da preparação do terreno para as obras da fábrica. A estrutura aí existente acomoda bem a administração e o corpo da guarda do Parque, de acordo com o Projeto Arquitetônico já elaborado. (Foto 13)

Área 5 — Área já cercada e incorporada ao Parque, sem ter sido realizada a devida indenização, pertencente a Imobiliária Jardim dos Prazeres e com 23,45 ha. Lembramos que nesta área, que engloba o Morro do Telégrafo, está construída a Estação de Rádio da Aeronáutica.

Área 6 — Situada ao longo da divisa norte, com cerca de 24,35 ha., dos quais 13,30 ha. pertencem à Imobiliária Jardim dos Prazeres Ltda e o restante a diversos proprietários, importantíssima para a proteção das encostas norte nos Montes do Telégrafo e dos Oitiseiros, sujeitos à ação contínua das escavadeiras na extração de material para aterro.

Área 7 — Faixa de posse litigiosa, com 10,18 ha., situada entre o terreno desapropriado ao Mosteiro de São Bento e o Pertencente à Imobiliária Jardim dos Prazeres. Existe necessidade de se realizar um estudo da documentação existente para esclarecimento deste problema. Esta área está incorporada ao Parque e incluída nos 224,40 ha.

As ampliações propostas perfazem um total de 141,14 ha., passando a área do Parque de 224,40 ha. para 365,54 ha.

TRATAMENTO DAS EROSÕES

Constitui um sério problema o processo de erosão verificado em vários trechos dos Montes, provocado pela destruição da cobertura vegetal e pelos cortes realizados, tanto nos limites do Parque como no seu interior. (Foto 14)

Indicamos no desenho 6, os trechos onde mais urgentes se fazem trabalhos de contenção.

TRANSFERÊNCIA DA POPULAÇÃO

Na área do Parque Guararapes existe um grande número de construções,

segundo se pode observar pelo desenho 6.

Por contagem em fotografia aérea tirada em 1970 pela FAB, encontramos cerca de 2.500 unidades na área desapropriada. Considerando-se que parte desta área foi cercada em 1971, podemos estimar que o número de construções esteja no momento em torno das 3.000 unidades.

Também em 1970 foi realizado pelo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais um levantamento das condições sócio-econômicas de parte da população instalada na área (1.757 famílias) quando, além das habitações (taipa 57,1%, madeira 35,7%, mista 33% e alvenaria 3,7%) foram identificados 43 unidades comerciais precárias e 38 instalações de maior porte, como escolas, padarias, oficinas, serrarias, cartório, mercadinho e posto de gasolina. (Foto 15)

Existe uma linha regular de ônibus ligando Guararapes à cidade e com ponto terminal na estrada de Muribeca. Embora a transferência da população instalada na área fuja ao objetivo deste Projeto, cumpre-nos salientar sua necessidade premente, sendo a liberação de **toda a área desapropriada** condição indispensável ao início da implantação do Parque.

PROTEÇÃO PAISAGÍSTICA

Três áreas no entorno do Parque devem ser motivo de controle especial de modo a garantir a proteção da paisagem do Parque (Desenho 7):

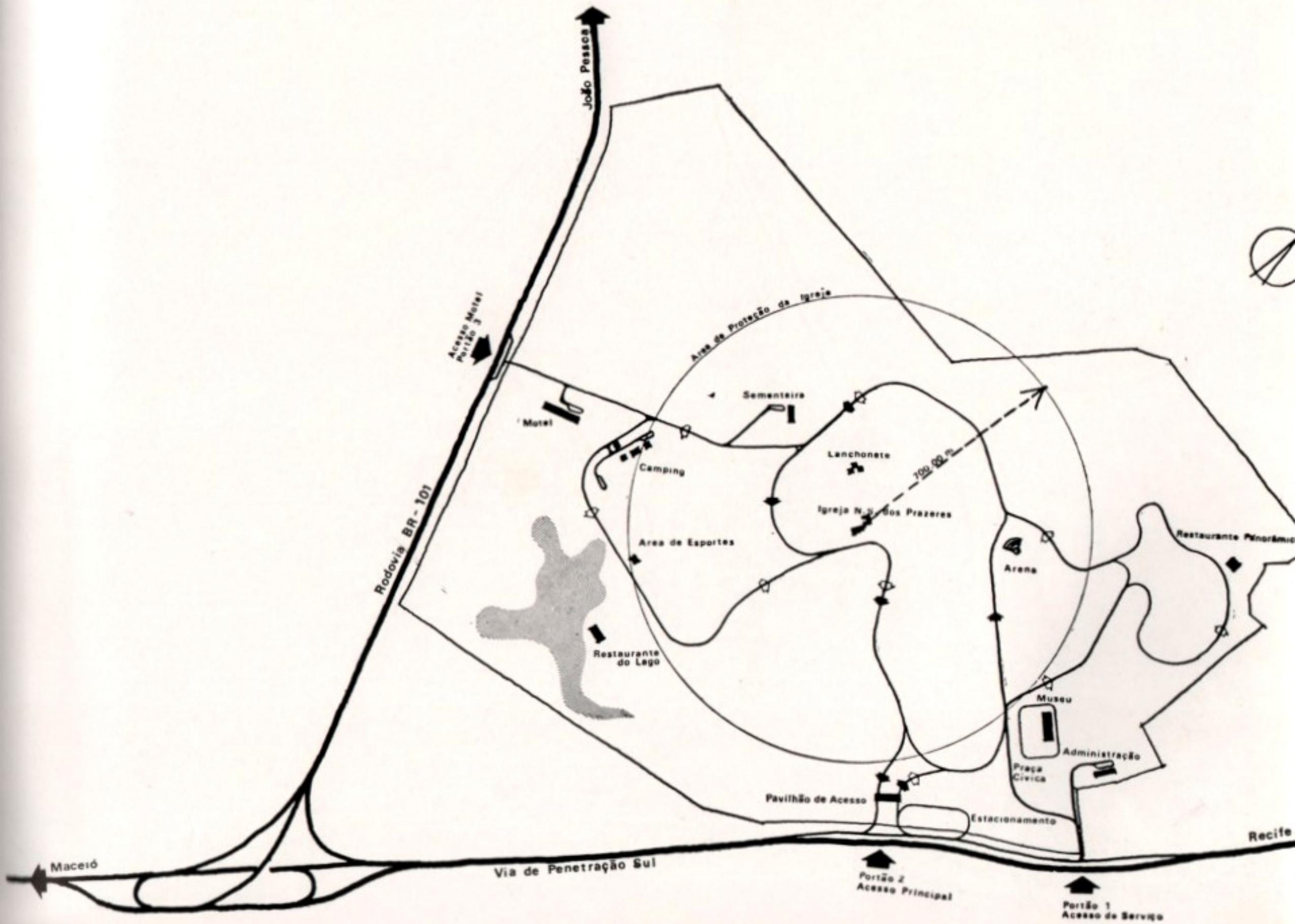
- 1 — Trecho fronteiro ao Parque, estendendo-se até o litoral, já com o gabarito fixado em três pavimentos acima do térreo, que deverá ser mantido para garantir a visão do mar desde os montes.
- 2 — Pequena faixa no pé dos montes e separada destas pela Via de Penetração Sul, incluída na área de desapropriação, que poderia ser cedida para construção de equipamentos interessando à comunidade de Prazeres, como, por exemplo, a escola que o Governo Estadual tem interesse de construir na área.
- 3 — Trecho em triângulo limitado pelo Parque, BR-101 e Via de Penetração Sul, que devido a sua continuidade visual com o Parque deve ter sua urbanização planejada pela Prefeitura de Jaboatão e o gabarito fixado em dois pavimentos.

PROGRAMA DE PRIORIDADES

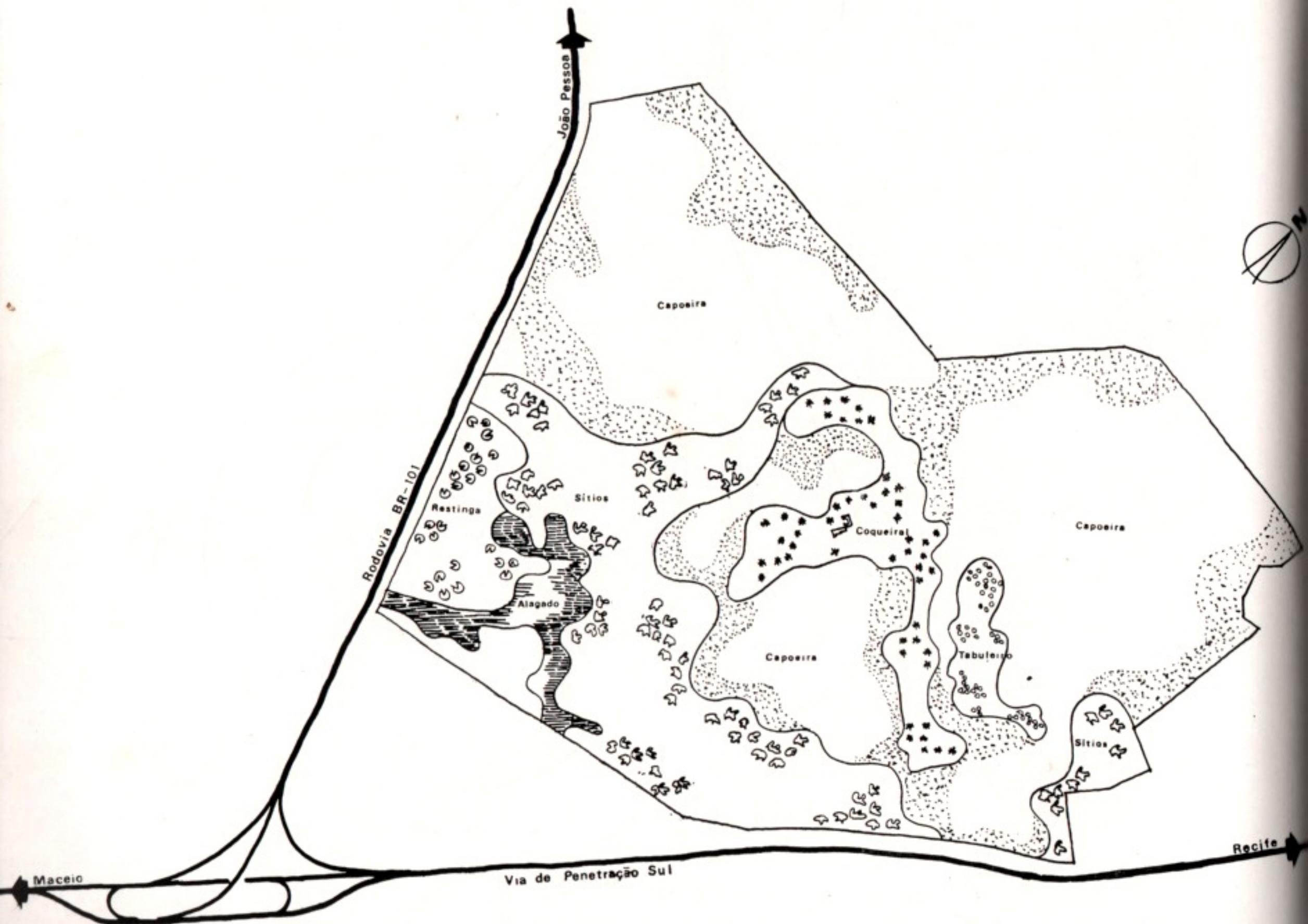
Como roteiro, damos a sequência de prioridades para implantação da fase atual do Parque que julgamos conveniente:

- 1 — Ampliação da área do Parque com as incorporações indicadas.
- 2 — Transferência da população instalada no Parque.
- 3 — Tratamento dos trechos com erosão.
- 4 — Fechamento do cemitério existente no Monte dos Oitiseiros.
- 5 — Implantação da sementeira.
- 6 — Implantação das vias e estacionamentos projetados e modificação dos trechos da via existente, na igreja e portão principal.
- 7 — Execução do lago artificial.
- 8 — Implantação da infra-estrutura (abastecimento d'água, energia, telefones, iluminação externa, etc.).
- 9 — Início da implantação do Projeto Paisagístico.
- 10 — Construção das edificações.

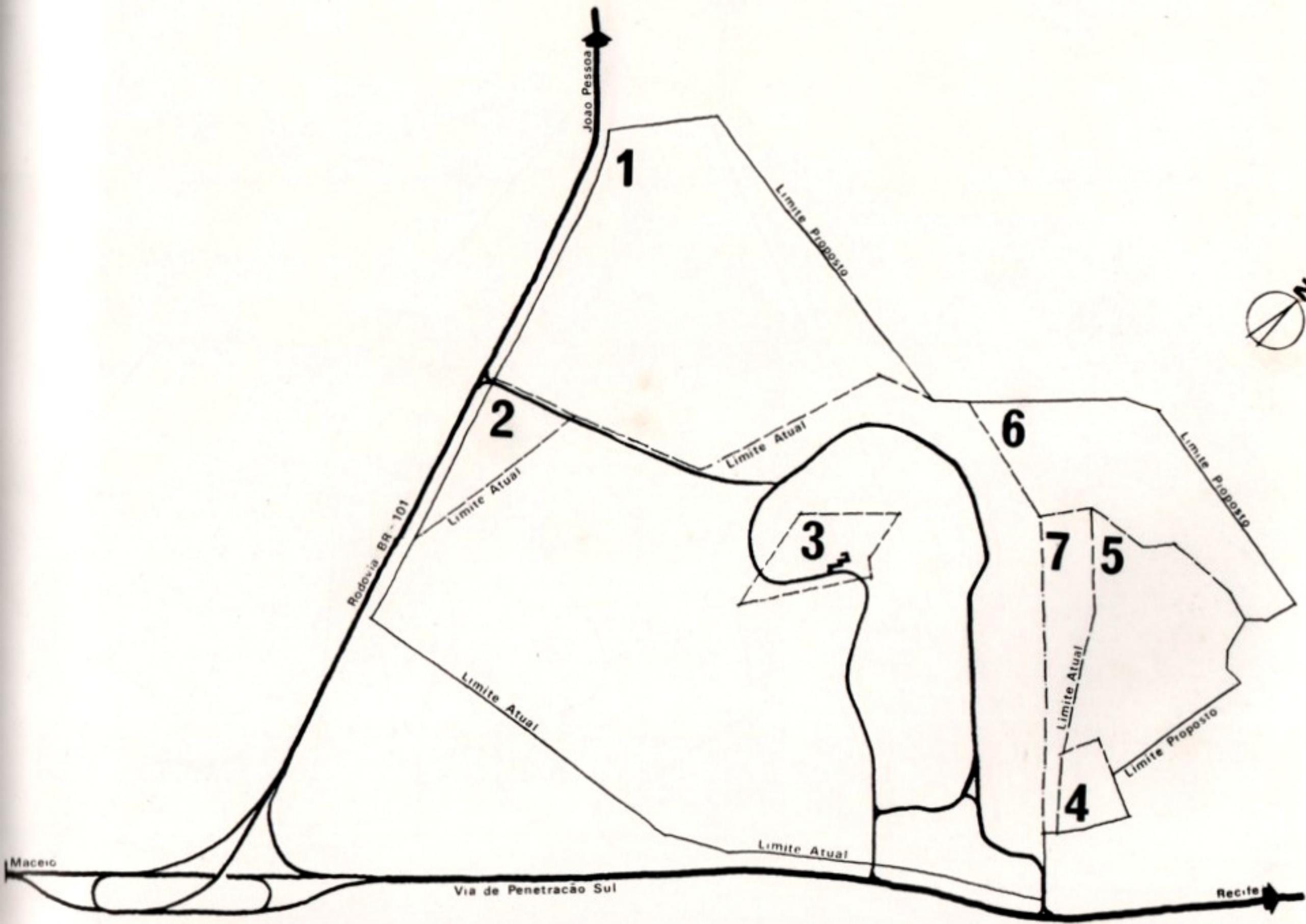
Desenho 3
O Partido do Plano Geral



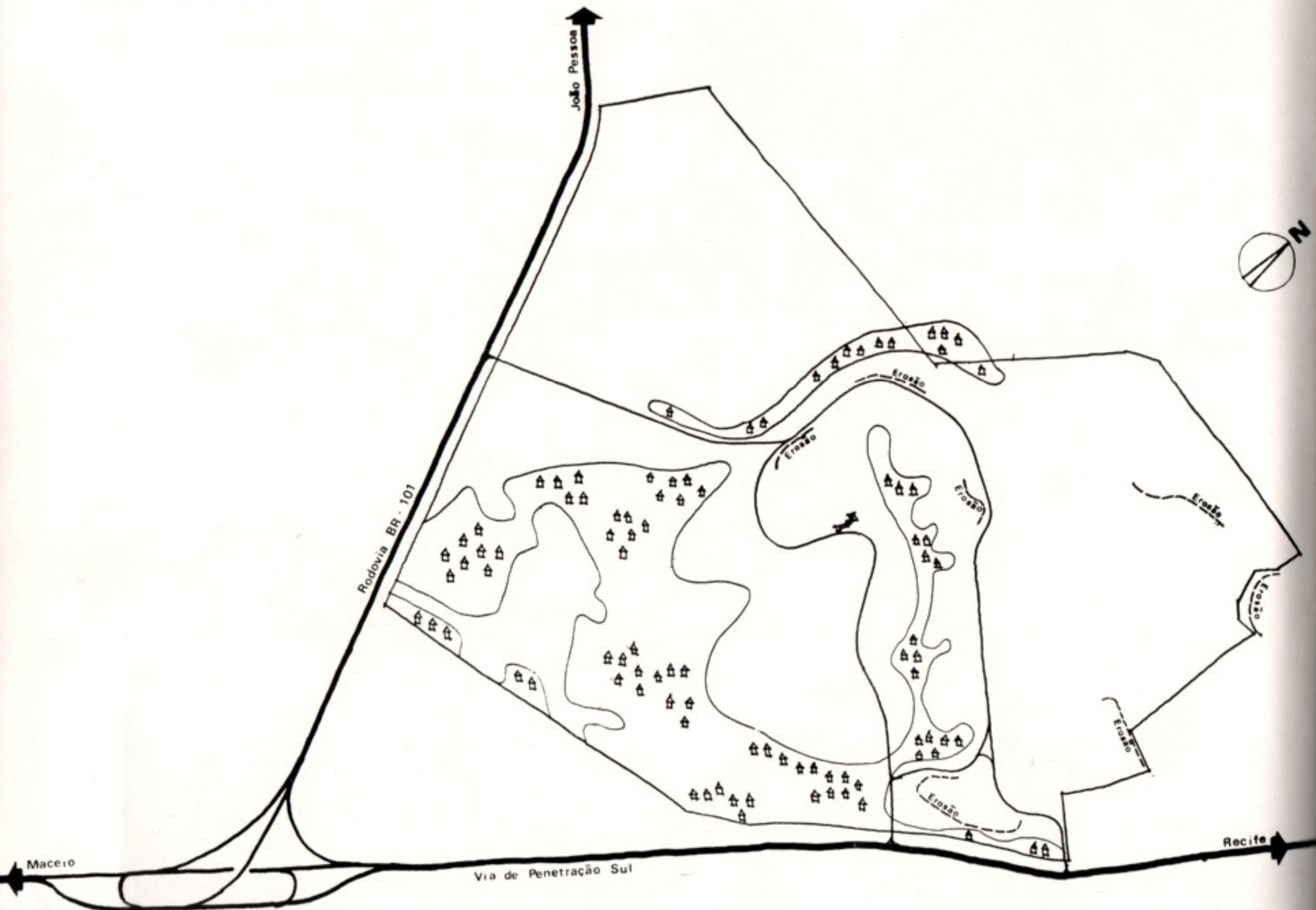
Desenho 4
Os Ambientes naturais



Desenho 5
Limites Propostos



Desenho 6
Áreas Habitadas e Erosões



Desenho 7
Proteção Paisagística

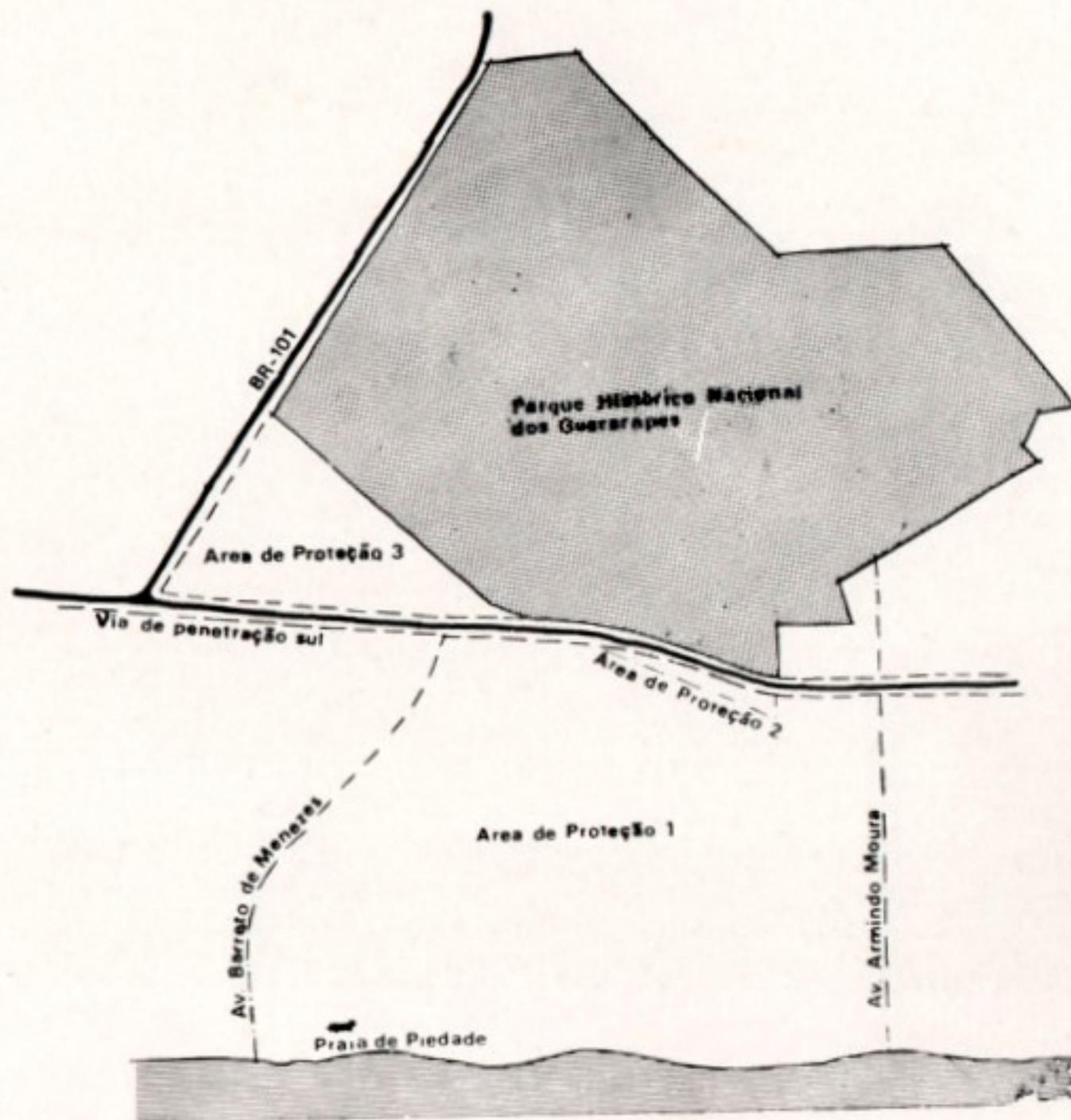






Foto 6

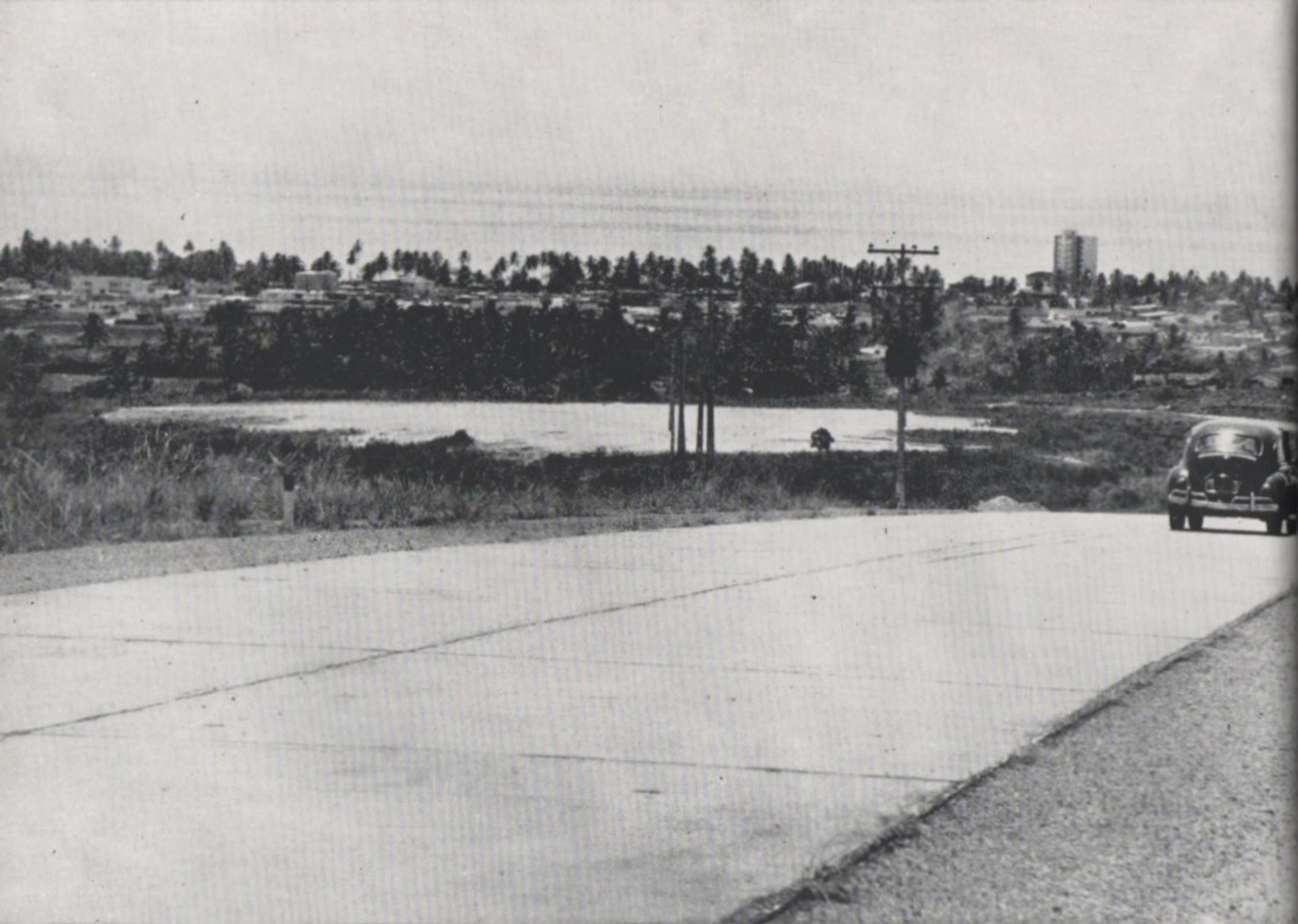




Foto 8

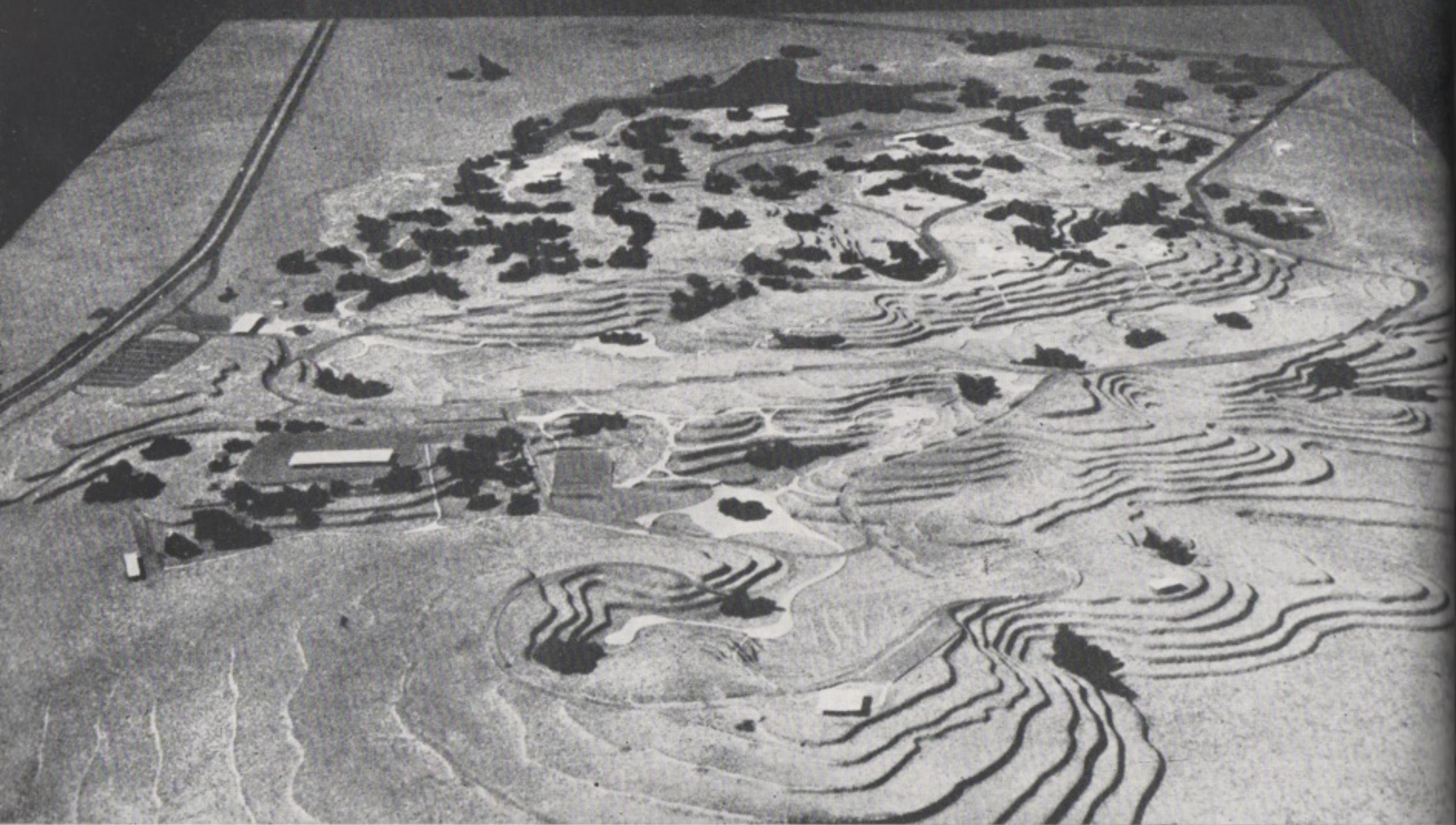




Foto 10





Foto 12





Foto 14



PARTE 3

PROJETOS ARQUITETÔNICOS

PARTIDO DOS PROJETOS ARQUITETÔNICOS

Uma vez tomadas as devidas precauções na distribuição dos diversos equipamentos, visando garantir a integridade do atual ambiente da Igreja de N. S. dos Prazeres, bem como estabelecer uma relação equilibrada com a paisagem dos Guararapes, consideramos que as diversas edificações deveriam possuir uma arquitetura livre e informal que contribuisse para a amenização e o interesse do Parque.

Como desejássemos evitar um tratamento distinto para cada construção, o que poderia resultar num conjunto sem unidade, bem como forçar a repetição de uma mesma solução para todas as edificações, o que levaria a uma certa monotonia, adotamos o partido de lançar sombras criadas por uma unidade de cobertura padronizada — triângulo de dupla curvatura — com a qual obtivemos, através de um jogo combinatório, uma família de cascas de formas distintas mas claramente aparentadas.

Estes triângulos, obtidos pelo corte de um parabolóide hiperbólico matriz ao longo de suas diagonais, geram famílias de cascas de um, dois e quatro apoios, por suas posições relativas aos pilares. (Desenho 8)

Foram adotadas as possibilidades combinatórias que melhor se adequavam a cada programa.

Para as edificações de maior porte — Museu e Restaurante Panorâmico — foram combinadas duas cascas distintas de forma a se obter vãos maiores, sem que se perca a possibilidade de se utilizar a forma triangular padronizada.

A adoção dessas cascas de concreto trouxe as seguintes vantagens :

- 1 — Leveza das estruturas, com possibilidades de grandes vãos (10,00 14,14 e 20,00 m).
- 2 — Simplificação e economia da execução pela repetição de formas padronizadas, a serem realizadas em fibra de vidro.
- 3 — Criação de amplas projeções, visando o sombreamento e a proteção, necessários num clima tropical.

- 4 — Liberação das paredes internas e externas que, soltas da cobertura, deixam aberturas protegidas para iluminação e ventilação dos ambientes, ficando reduzidas as esquadrias, sempre custosas e de difícil manutenção.
- 5 — Transformação das paredes externas em panos contínuos, a serem revestidos de azulejos com padronagem combinatória, desenhada por pessoa habilitada.
- 6 — Eliminação das calhas de águas pluviais, contra-indicadas, pela existência de árvores de grande porte na proximidade das edificações.

Sob estas cobertas, os espaços fechados foram organizados de forma concentrada, liberando áreas de circulação e estar, abertas, em contato com os jardins.

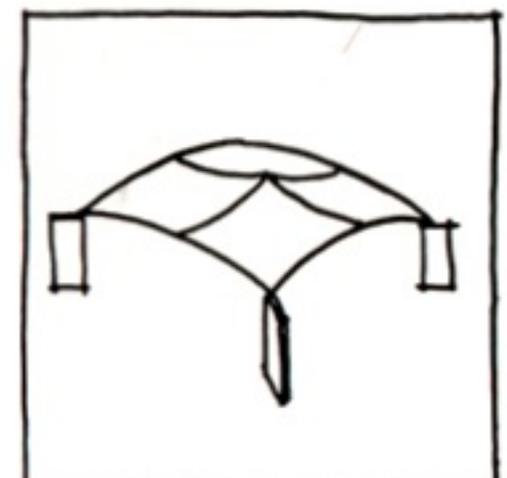
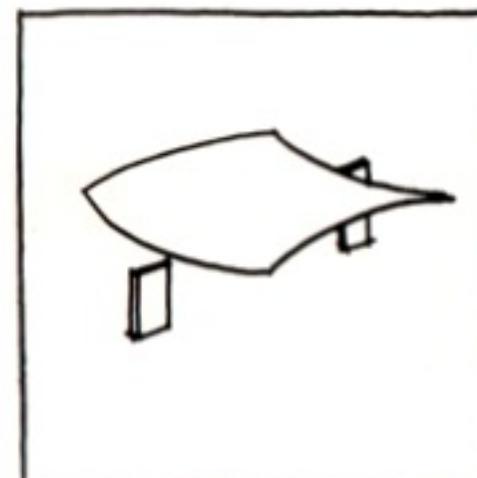
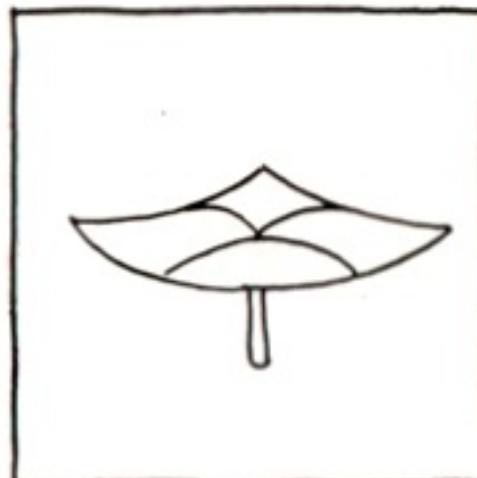
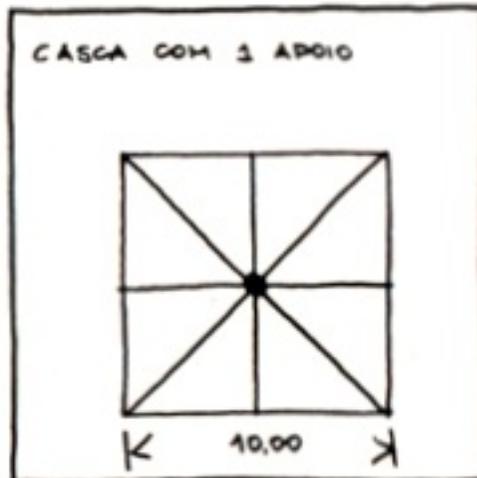
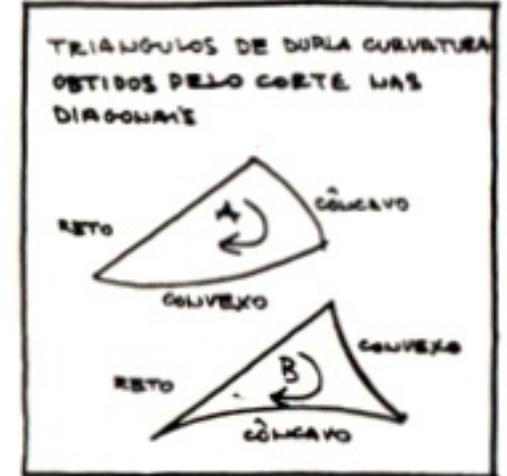
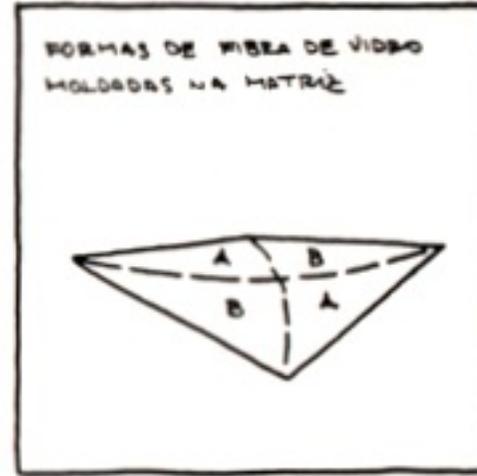
LISTAGEM DOS EQUIPAMENTOS PROGRAMADOS

Foram programados os seguintes equipamentos para o Parque dos Guararapes :

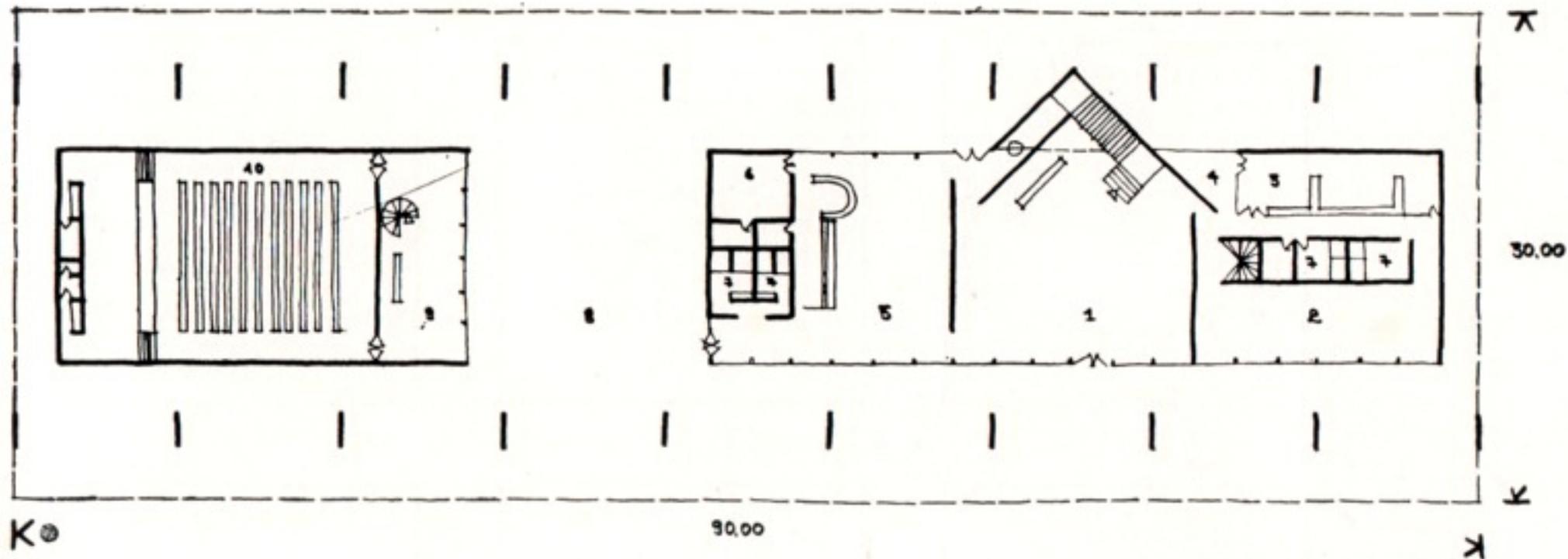
EQUIPAMENTO	AREA DE COBERTA (m ²)	AREA FECHADA (m ²)	AREA ABERTA (m ²)
✓ 1. Pavilhão de acesso —	1.200,00	107,20	1.092,80
✓ 2. Pavilhão de Botânica ✓	400,00	26,00	374,00
✓ 3. Restaurante do Lago ✓	1.200,00	438,50	761,50
✓ 4. Vestiários para Esportes ✓	300,00	69,50	230,50
✓ 5. Camping	500,00	128,90	371,10
✓ 6. Lanchonete —	300,00	61,80	239,00
7. Museu da Restauração	2.700,00	1.632,00	1.737,00
8. Restaurante Panorâmico	800,00	594,60	663,25
✓ 9. Arena ✓	278,50	110,50	168,00
10. Administração	457,00	850,00	—
11. Sementeira	200,00	40,00	160,00
TOTAIS	8.335,50	4.058,20	5.797,15

SOLUÇÃO DE ALGUMAS EDIFICAÇÕES

Desenho 8
Formação das Cascas



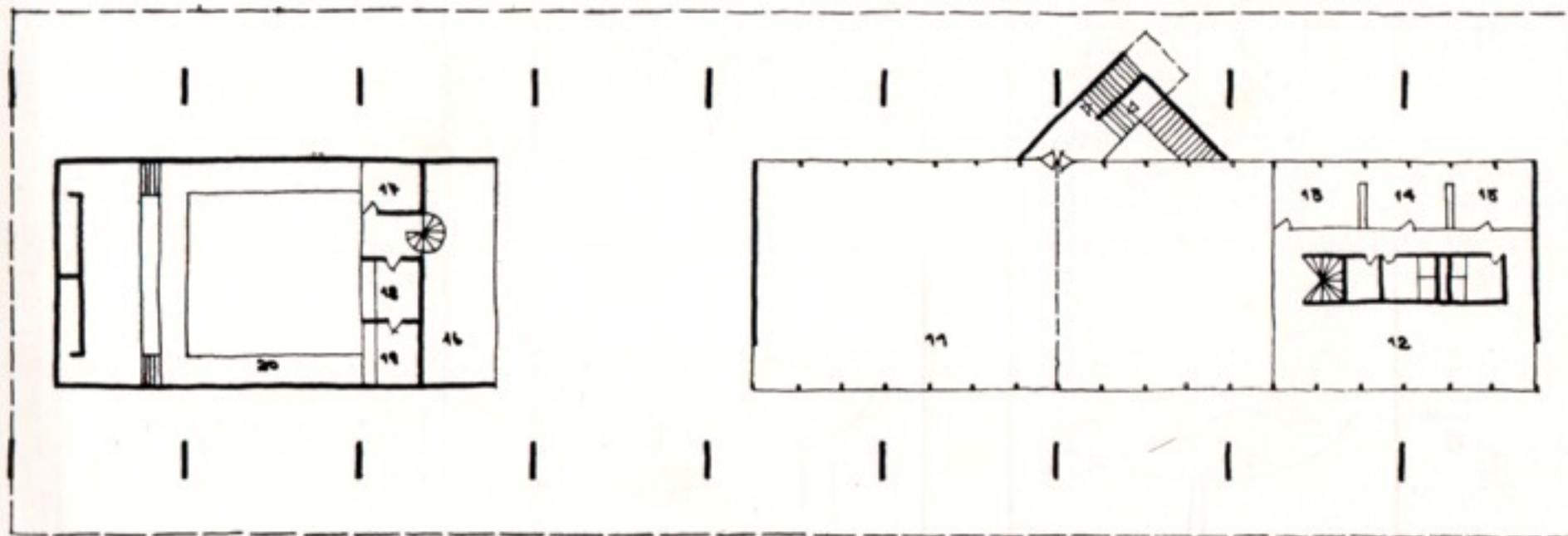
Desenho 9
Museu da Restauração



PLANTA TERREO

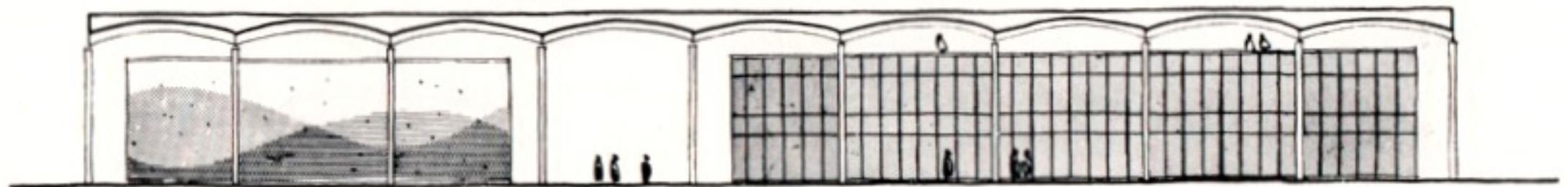
LEGENDA

- 1 Hall do Museu
- 2 Acervo
- 3 Oficinas
- 4 Hall de serviço
- 5 Lancheonete
- 6 Ar condicionado
- 7 Sanitários
- 8 Foyer aberto
- 9 Hall do auditório
- 10 Auditório
- 11 Sala de exposições
- 12 Biblioteca
- 13 Gab. Museólogo
- 14 Secretaria
- 15 Gab. Diretor
- 16 Vazio do hall
- 17 Ar condicionado
- 18 Cabine projeções
- 19 Gabinete traduções
- 20 Vazio do auditório

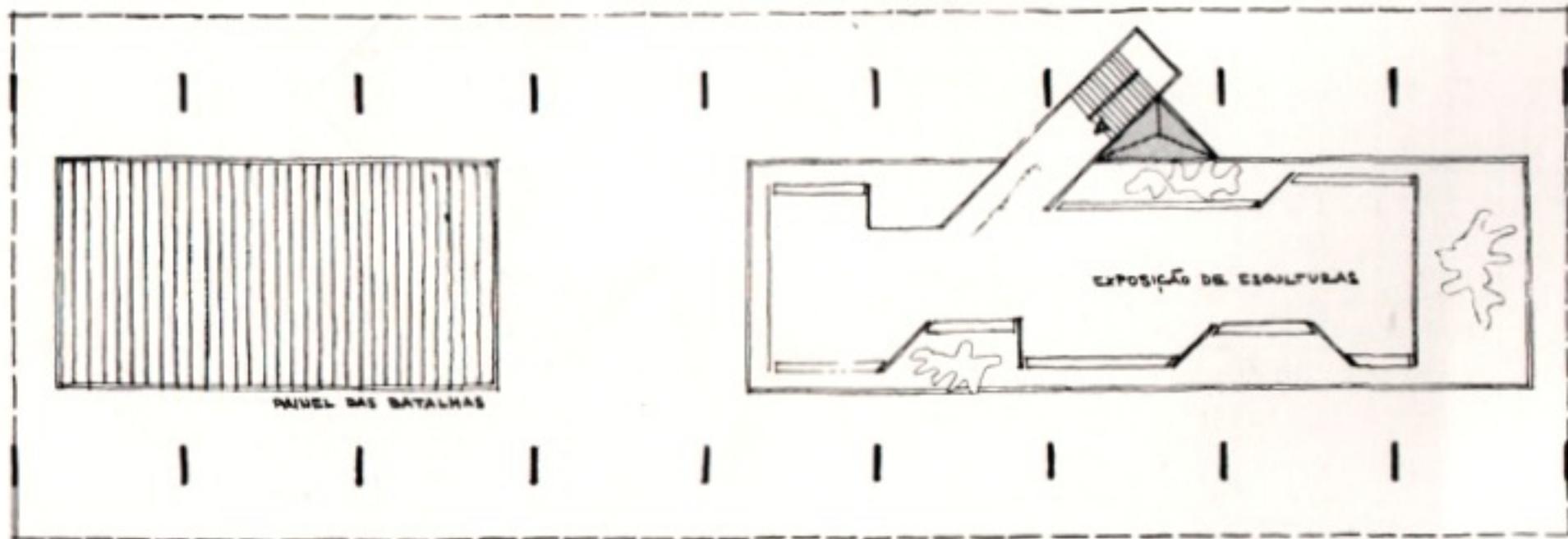


PLANTA 1º PAVIMENTO

Desenho 10
Museu da Restauração

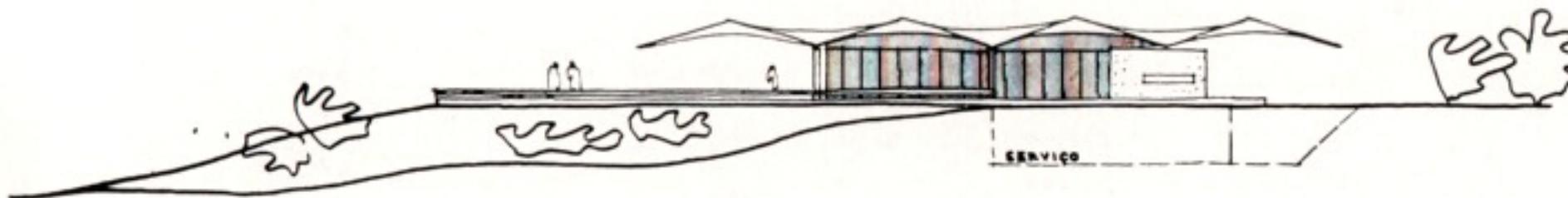


FACHADA PRINCIPAL



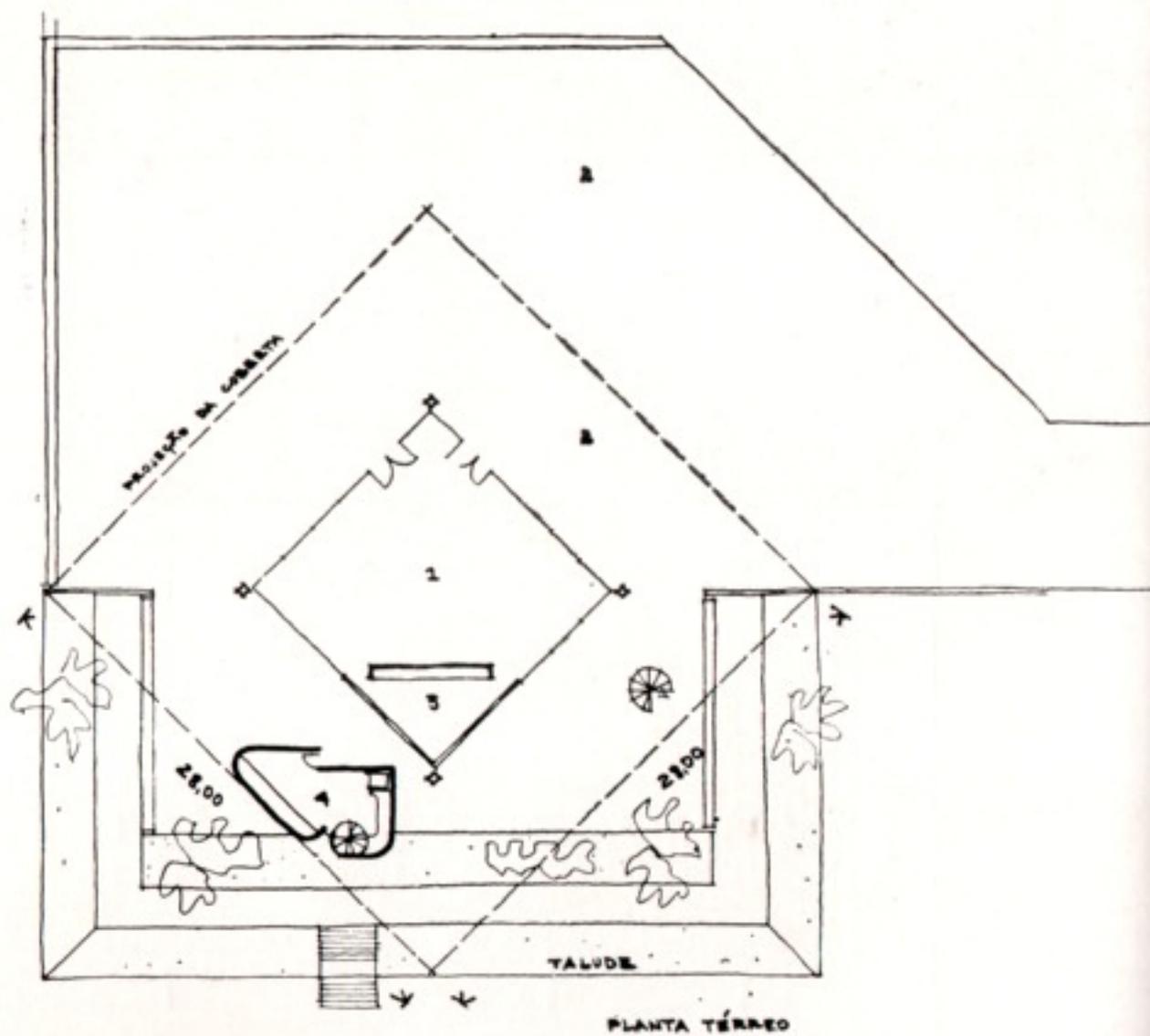
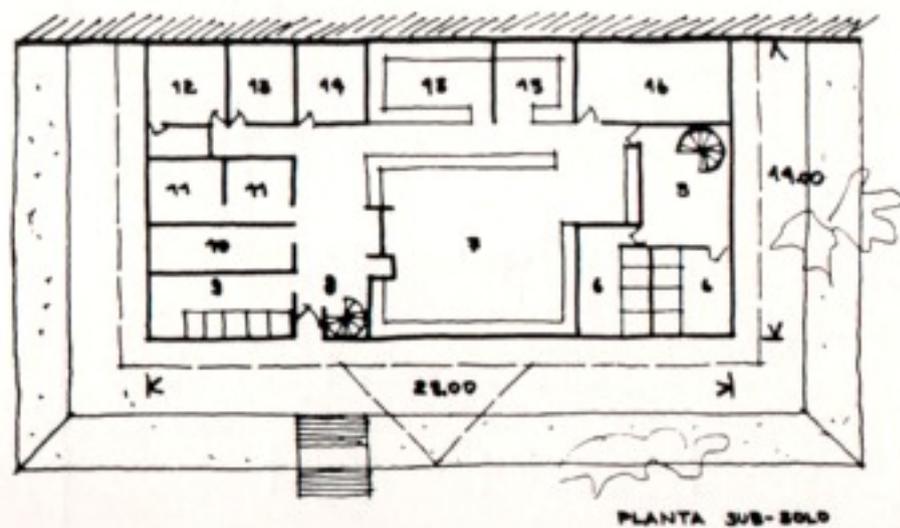
PLANTA DO TERRAÇO

Desenho 11
 Restaurante Panorâmico

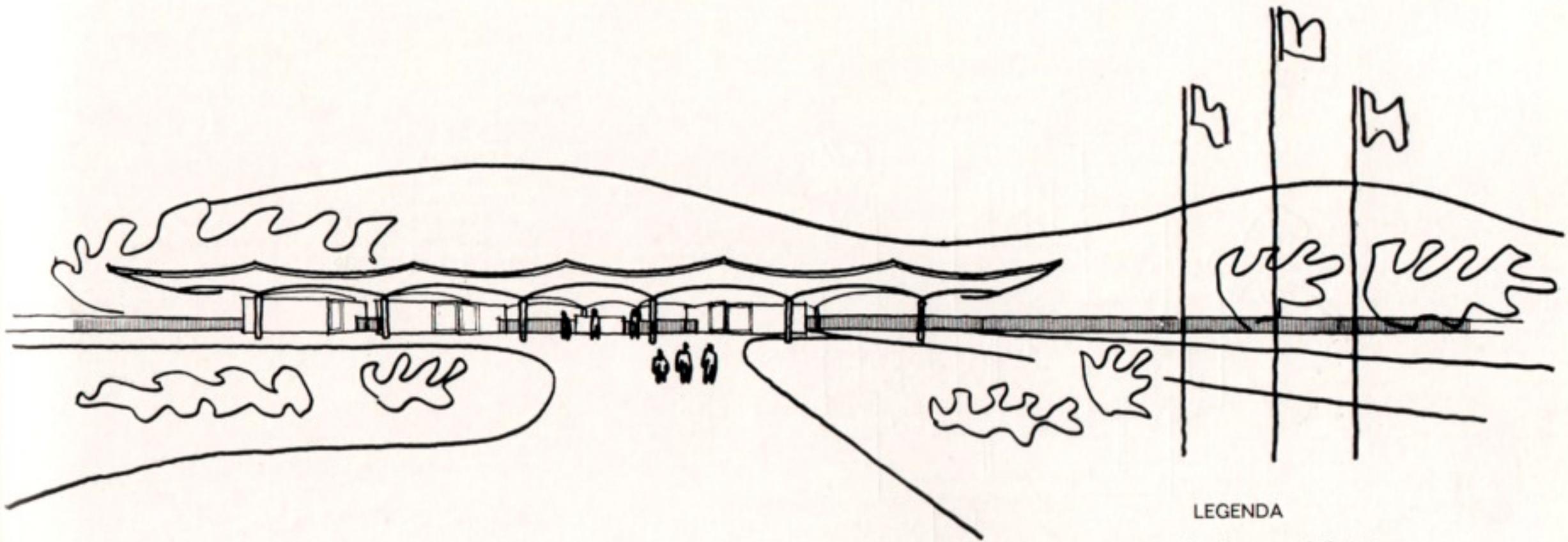


LEGENDA

- 1 Salão do restaurante
- 2 Área abertas de mesas
- 3 Apoio do restaurante
- 4 Copa do bar
- 5 Hall de público
- 6 Sanitário de público
- 7 Cozinha
- 8 Hall de serviço
- 9 Vestiário de pessoal
- 10 Rouparia
- 11 Despensa
- 12 Sala instrutor
- 13 Central água gelada
- 14 Frigorífico
- 15 Copa
- 16 Refeitório de pessoal

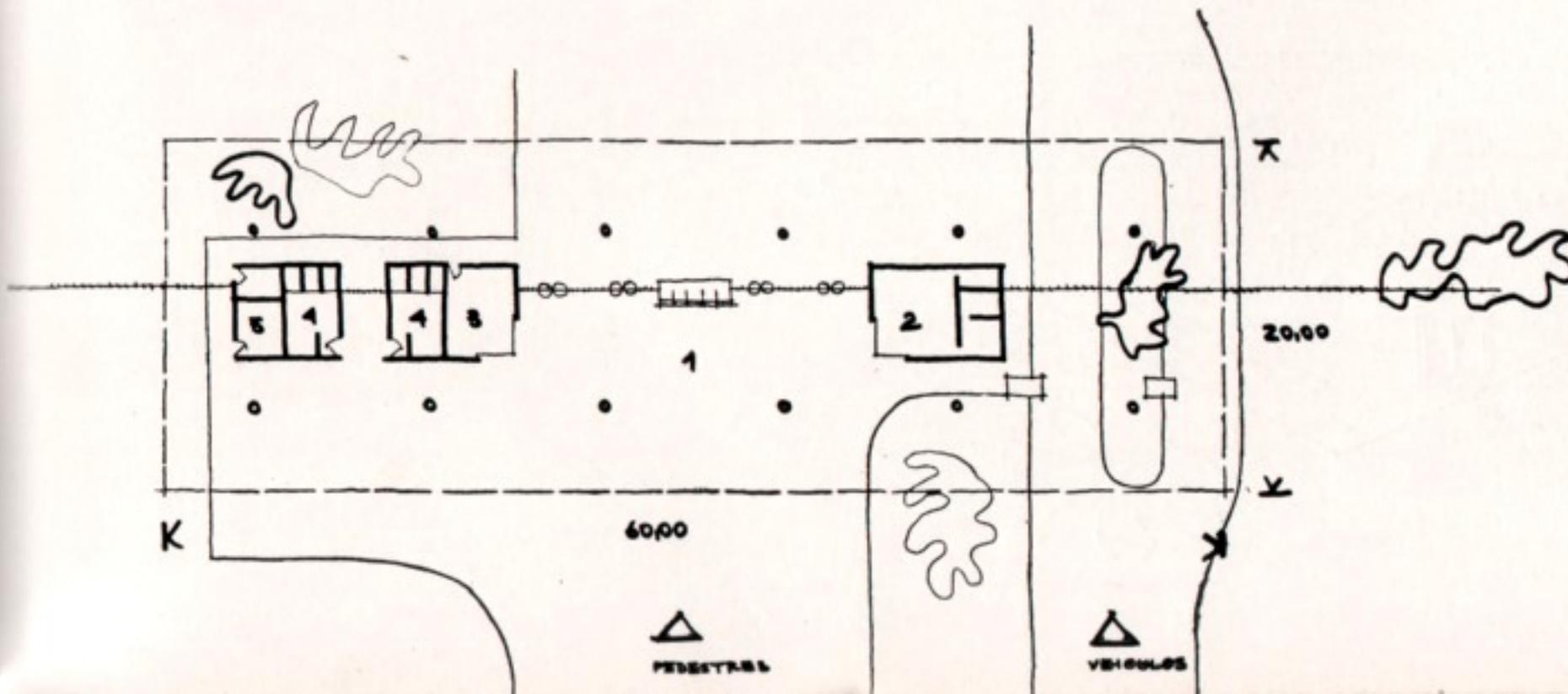


Desenho 12
Pavilhão de Acesso

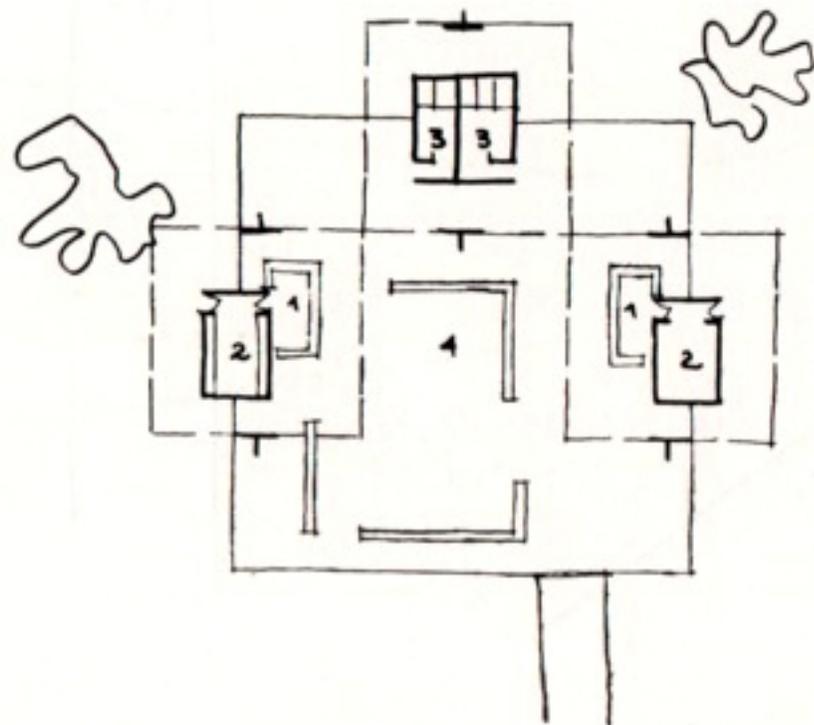


LEGENDA

- 1 Acesso e bilheterias
- 2 Informações turísticas
- 3 Loja
- 4 Sanitários
- 5 Primeiros socorros

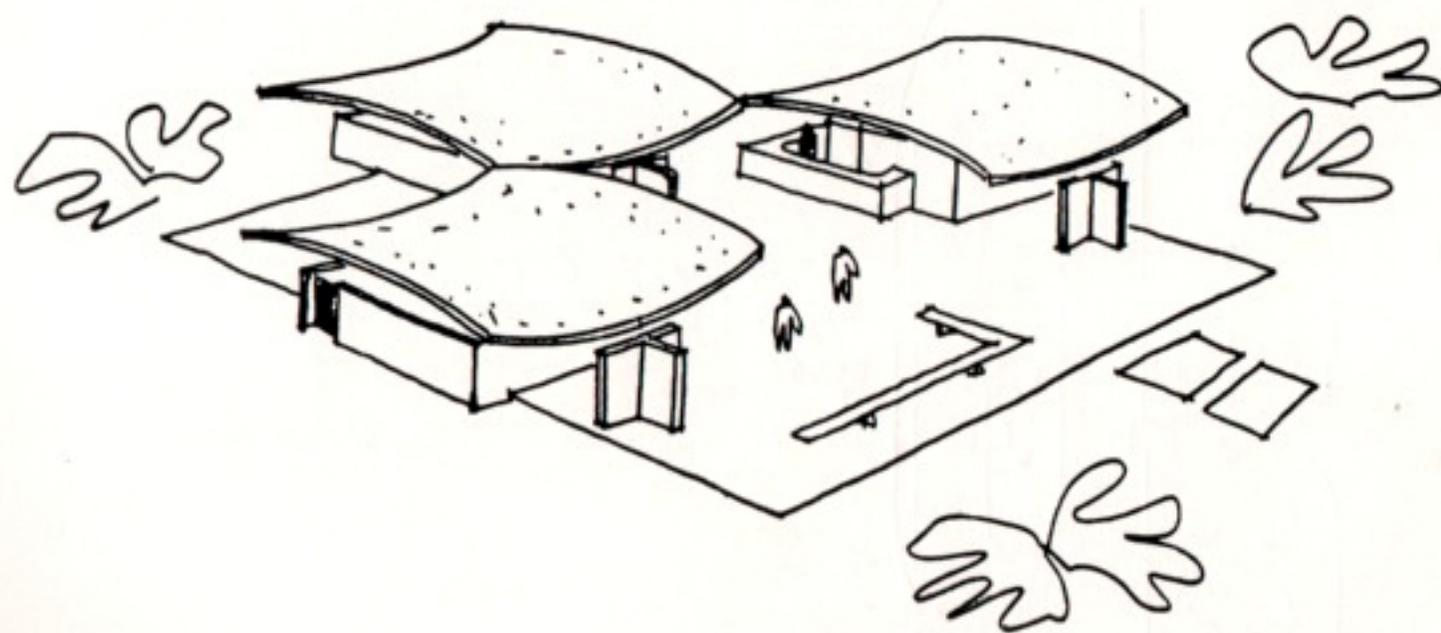


Desenho 13
Lanchonete



LEGENDA

- 1 Atendimento
- 2 Preparação
- 3 Sanitário
- 4 Pateo descoberto



PARTE 4

PROJETO DE PROGRAMAÇÃO VISUAL

O SIMBOLO DO PARQUE

O símbolo criado une a referência histórica ao dinamismo de um Parque Nacional, atividade, movimento e alegria, aliada à representação da consciência nacional nascente, significado essencial da Restauração Pernambucana.

O partido escolhido para a expressão gráfica do sol parece-nos vivo, explosivo e de fácil assimilação, característica indispensável neste tipo de simbologia

O Parque Guararapes possuirá um complexo de equipamentos com finalidades religiosa, cultural, esportiva, turística e administrativa, para as quais adotamos um código de cores do símbolo através do qual identificaremos cada unidade.

PROJETO DE SINALIZAÇÃO

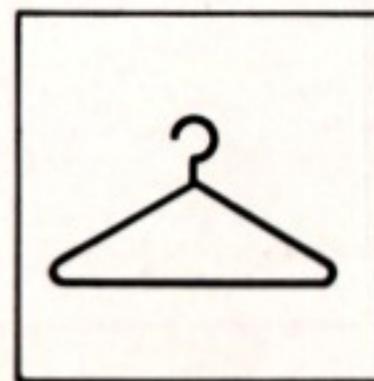
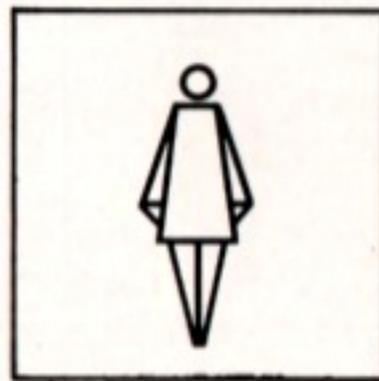
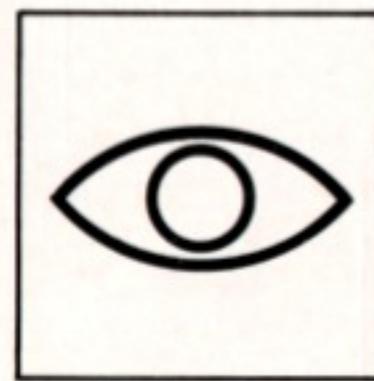
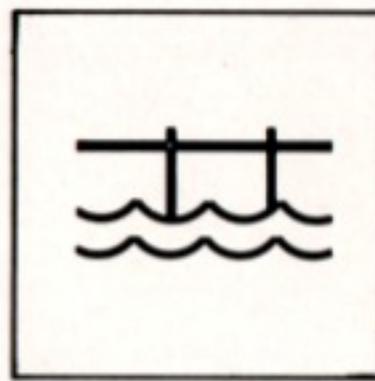
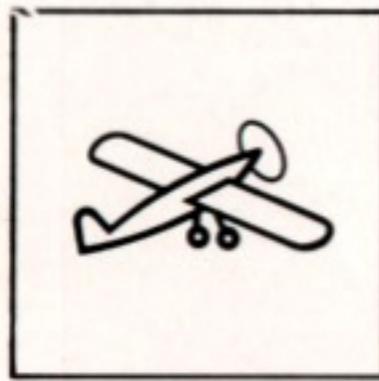
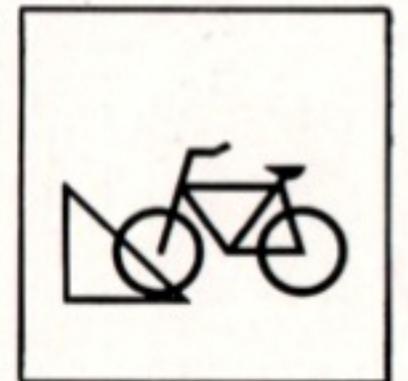
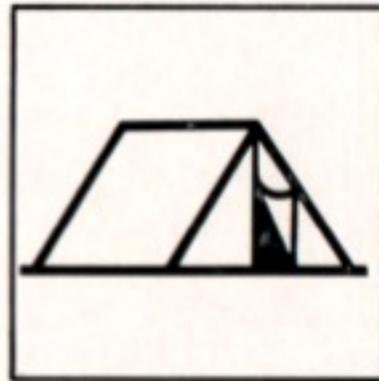
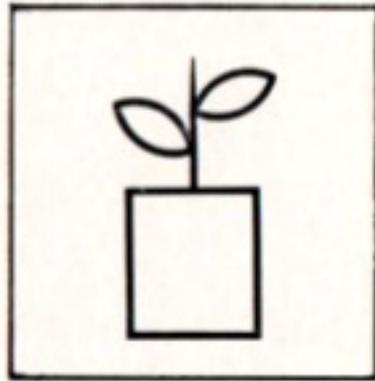
O ponto de partida para o Projeto de sinalização do Parque foi a escolha de um número limitado de indicações essenciais a se transformarem em sinais pictográficos. De início foi delimitado um universo de informações que se ampliará na medida de novas necessidades, surgidas com o funcionamento do Parque. O Projeto de sinalização assumiu, portanto, o caráter de um Manual Normativo, de um sistema aberto. Dos quarenta símbolos criados, que serão complementados pelos sinais de trânsito convencionais, apresentamos alguns exemplares.

O partido adotado na criação da simbologia foi o de nos aproximarmos dos sistemas de sinais já utilizados internacionalmente, prevendo sua padronização inevitável e necessária no futuro.

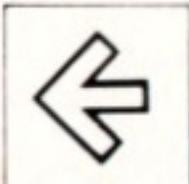
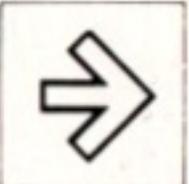
O Parque dos Guararapes receberá sinalização através de placas pintadas em chapas metálicas fixadas em pilares de concreto. Foram criados quatro tipos diferentes para atender as diversas necessidades, dos quais mostramos dois exemplos.



Simbolos informativos



	PARQUE HISTÓRICO NACIONAL DOS GUARARAPES
	ENTRADA DE SERVIÇO A 500 m

		RESTAURANTE PANORÂMICO	
SANITARIO FEMININO			
		MOTEL GUARARAPES	

ANEXO 1

RELATÓRIO DO GEÓLOGO CARLOS ALBERTO MARTINS

VIABILIDADE TÉCNICA DO LAGO ARTIFICIAL

Conforme observações efetuadas na área do Parque Histórico Nacional dos Guararapes, cuja finalidade será definir as condições básicas para a construção de um lago artificial, situado no extremo SE da mesma, na confluência dos Riachos Batalha e Prazeres, concluímos que :

- 1 — A litologia do terreno compõe-se de areias de granulometria fina a média, areias argilosas e argilas de cores variadas da Formação Guararapes do Grupo Barreiras do Terciário Superior (Plio-Pleistoceno).

A morfologia observada em campo e através de fotografias aéreas, revelam um relevo de ondulações suaves com algumas elevações (45 a 55 m) e áreas quase planas de cotas inferiores a 10 m. Na área projetada para o lago as cotas variam entre 4 e 5 m. (Vide mapa topográfico). Como em toda área do Parque existe uma boa cobertura vegetal, a erosão não atua com muita intensidade.

- 2 — Entre as cotas 5 e 10 m que circunscrevem a área projetada, foram feitas observações hidrogeológicas em diversos pontos d'água (cacimbas) que indicam um nível estático das águas subterrâneas entre 1 e 0,5m da superfície do terreno, havendo um rebaixamento de 0,5 m no tempo de estiagem.
- 3 — O clima é predominantemente tropical, do tipo Ams' da classificação de Koppen — quente úmido —, sendo a precipitação pluviométrica média anual superior a 1.000 mm e inferior a 2.000 mm. A taxa de evaporação é inferior a taxa de precipitação, havendo um balanço hídrico anual positivo. A temperatura média anual é de 28°C.

Por estas observações, verificamos que existem condições hidrogeológicas básicas e somos de parecer favorável ao empreendimento, sendo improvável que o lago venha a secar posteriormente.

Advertimos no entanto, que a projeção do lago (cota delimitante, áreas de escavação, aterro, barragem etc.) só deverá ser executada após estudos mais detalhados sobre a participação de contribuição das águas subterrâneas e superficiais de alimentação para o lago.

ANEXO 2

RELATÓRIO DO BOTÂNICO DÁRDANO DE ANDRADE LIMA

CARACTERÍSTICAS VEGETACIONAIS DA ÁREA DOS GUARARAPES

De um modo geral, a área dos Guararapes inclui uma parte na zona litorânea, subzona das restingas e uma outra parte, mais ampla, na zona da mata, subzona mata úmida. No contato entre uma e outra, ocorre estreita faixa que, ao modo de depressão periférica, recolhe de um lado as águas que se infiltraram nas areias da restinga até alcançarem nível impermeável, aflorando em pequenos cursos d'água, de cor acastanhada e, por outro lado, as águas caídas nos morros, com fraca infiltração, para ressurgimento naqueles níveis baixos e, principalmente, a porção que, escorrendo superficialmente vai formar pequenos cursos d'água temporários. Esse conjunto de águas com drenagem dificultada resulta em um alagado, com população vegetal peculiar.

Da primeira sub-área, fazem parte as terras baixas, arenosas, de cor clara à superfície, características das restingas quaternárias, que se estendem em cordões, hoje já mascarados, do sopé dos próprios morros Guararapes, à beira mar. Sobre elas cresce vegetação característica, igualmente denominada (por empréstimo) de restinga. É tipicamente arbustivo-arbórea, em pequenas associações esparsas entre si. Brameliáceas e cactáceas fazem parte, eventualmente, da composição.

A segunda sub-área é constituída pelos «morros» que, em verdade, são retalhos festonados da escarpa local dos depósitos do grupo Barreiras, extremo meridional do grande arco desses mesmos depósitos que envolvem a cidade do Recife.

Sobre eles ocupa a maior área, vegetação florestal, semelhante à que, ainda hoje recobre os morros de Dois Irmãos, pertencentes àquele mesmo arco.

Uma pequena parcela dessa segunda sub-área foge, quanto à vegetação, ao quadro geral. É quando, nas projeções mais orientais dos morros, expostas aos ventos do mar e às chuvas, mais das vezes pesadas, que lhes lavam a superfície e lixiviam os níveis interiores, resultam solos em-

pobrecidos, com seus problemas típicos, onde, à semelhança de diversas outras parcelas dos depósitos das Barreiras no Nordeste Oriental, só uma vegetação savanóide, denominada, mais uma vez por empréstimo à terminologia geomorfológica, de «tabuleiro», consegue se instalar.

Essa a condição potencial da vegetação da área como deveria ter sido no passado, antes que o Homem a modificasse ou destruísse.

A leitura dos cronistas das Batalhas permite, de algum modo formar uma imagem de como, na época, era a paisagem vegetal daquele espaço geográfico.

Já então, sofrera a vegetação primitiva influência humana.

Conta-nos, sobre a mesma, Santiago: ... «está ao pé deste monte um alagadiço» ... «metendo-se no meio ... uma restinga ... de mato ...; ... um boqueirão grande, que havia entre a restinga do mato e árvores e monte» ...; «São estes montes quase todos escalvados com muito poucas árvores agrestes» ...; «somente pelas fraldas deles nascem árvores» ... «Para a parte de terra são tudo montes, e para a do mar campinas e alagadiços» ...

Percebe-se, então, que, já ao tempo das Batalhas a vegetação da área dos Guararapes compunha-se, como delineado anteriormente, de: restingas, alagados, matas nos vales, nas encostas e morros posteriores e tabuleiros (não referidos como tal, mas bem caracterizados). Dessa paisagem vegetal souberam tirar bom proveito as tropas luso-brasileiras.

No correr dos anos, quando descuidado foi o teatro das Batalhas e novos «invasores» ocuparam o terreno para construção de moradias e áreas de serventia particular, a paisagem vegetal foi sendo agredida, mutilada, quase arrasada.

As restingas que, de resto, limitam-se a uma pequena área do que hoje constitui o Parque Histórico Nacional dos Guararapes apresentam-se como pobre conjunto de sub-arbustos e raros arbustos entre touceiras de ciperáceas e gramíneas. Faltam-lhe o típico da fisionomia original, quando não o próprio solo, retirado para fins os mais diversos.

Dos alagados, que frequentemente vemos e ouvimos referidos como se mangues fossem, quando deles não participam, pouco hoje existe. Trabalhos de drenagem e canalização facilitaram o escoamento das águas e as terras mais enxutas usadas na confecção de matumbos para a agricultura de macaxeira, batata, etc.

As terras baixas, mas não alagadas ao pé dos morros, cortadas pela estrada de Muribeca, ao que tudo indica já haviam perdido a maior parte de sua vegetação natural quando das Batalhas. De lá para cá foram sendo transformadas em «sitios», onde mangueiras, fruta-pãozeiros, jaqueiras, coqueiros e fruteiras outras, preenchiam os espaços entre as rústicas moradias.

As encostas dos morros quase se viram desnudadas de sua vegetação florestal, para os mais diversos fins e, não fora a perseverança das espécies bem acomodadas àquele ambiente, machado, fogo e erosão teriam deixado como saldo apenas o solo esquelético.

Por outro lado, parte desses vales e encostas com cobertura arbórea, foram utilizados para o plantio de coqueiros mais com fins utilitários que qualquer outro.

As áreas de tabuleiro também não fugiram à depredação. Da vegetação nativa percebem-se hoje raros indivíduos decepados de mangabeira e murici, não obstante o possível aproveitamento dos frutos da primeira. O fogo com frequência elimina a cobertura gramínea, danificando paralelamente o estrato arbóreo. Campos de futebol, áreas de pastejo, e coisas mais, substituíram o que de natural ali existia.

No projeto de implantação do Parque Histórico Nacional dos Guararapes teve-se como uma das metas, tentar fazer voltar à área aquela paisagem vegetal que silentemente presenciou a luta do Homem contra o Homem. Com toques de arte, de capacidade didática, de composição paisagística, de harmonia de colorido, de ambiente capaz de permitir que o pensamento volte ao passado e reviva os fatos históricos ali ocorridos.

Com base na paisagem natural de agora e levando em conta que não teria cabimento fazer voltar à condição primitiva algumas sub-áreas profundamente modificadas pelos ocupantes da área, foram ali reconhecidas seis unidades paisagísticas, cabendo a cada uma delas um tratamento próprio, integrável no espírito global do projeto. São elas: a restinga, os alagados, os «sítios», as capoeiras, o tabuleiro e o coqueiral.

A restinga está em parte ocupada por habitações. Da vegetação original convém salientar: **Cassia bracystachya var. unijuga**, **Esenbeckia intermedia**, **Aechmea stephanophora**, **Krameria tomentosa**, **Melocactus depressus** e **Lagenocarpus guianensis**. Onde eliminados, deve ser tentada sua reposição pelo papel que desempenham na comunidade.

A flora dos alagados está bastante modificada pela drenagem e utilização da área pelo homem. Raros indivíduos de **Richeria grandis**, são ainda vistos e espécies mais frequentes, como **Ipomoea fistulosa** crescem abundantemente à beira d'água. Essas e outras espécies serão integradas com o ambiente do lago.

Os sítios são bem típicos, com abundância de mangueiras (**Mangifera indica**), jaqueiras (**Artocarpus heterophyllus**) — fruta pãozeiros (**Artocarpus altilis**), coqueiros (**Cocos nucifera**), genipapeiros (**Genipa americana**), azeitoneiras ou jamelão (**Syzygium jambolanum**), jambeiros do pará (**Syzygium malaccensis**), pitangueiras (**Myrcia uniflora**), caneleiras (**Cinnamomum zeylanicum**), bananeiras (**Musa sapientum** e **M. cavendishi**) e algumas árvores

ornamentais, como flamboyant (**Delonix regia**), **Cassia fistula**, **Cassia javanica** e outras. Embora seja o terreno em boa parte ocupado por essas árvores, espaços de bom tamanho ficarão descobertos no ambiente dos sítios. Torna-se oportuno ocupá-los de forma a permitir que a mocidade estudantil que visitará o Parque tome conhecimento de mais um aspecto de nossa História, qual seja o das plantas de alto valor econômico que participaram e ainda participam como fontes de lucro apreciável. Entre outras podem ser citadas: o pau brasil (**Caesalpinia echinata**), o cacau (**Theobroma cacao**), a seringueira (**Hevea brasiliensis**), a castanha do pará (**Bertholletia excelsa**), o café (**Coffea arabica**), a cana-de-açúcar (**Saccharum officinarum**) e outras mais.

As capoeiras são, em verdade os restos da antiga área de matas, onde, com frequência se imiscuem espécies mais tolerantes de outros ambientes. De sua composição fazem parte, entre outras: Ingá (**Inga bahiensis**), mutamba (**Guazuma ulmifolia**), pitombeira (**Talisia esculenta**), Britoa triflora, azeitona da mata (**Hirtella racemosa**), lava-prato (**Cassia hoffmannseggii**), juazeiro (**Ziziphus joazeiro**), cajazeira (**Spondias mombin**), orelha de cabra (**Aegyphila pernambucensis**), caboatã de leite (**Thyrsodium schomburgkianum**), **Myrcia tomentosa**, imbiriba (**Eschweilera luschnatii**), maçaranduba (**Manilkara salzmanni**), oiti da praia (**Licania tomentosa**), cabuçu (**Coccoloba cf. martii**), **Eugenia puniceifolia**, **Myrcia cuprea**, pau pombo (**Tapirira guianensis**), favinha (**Stryphnodendron pulcherrimum**), imbiridiba (**Buchenavia capitata**), angelim (**Andira fraxinifolia**), embaúba (**Cecropia sp.**), paquevira (**Heliconia psittacorum**), murici (**Byrsonima sericea**), ingai (**Inga fagifolia**), amescla (**Protium heptaphyllum**), dendê (**Elaeis guinensis**), angélica da mata (**Plumeria bracteata**), sucupira (**Bowdichia virgilioides**), coquinho (**Bactris ferruginea**) e oiti trubá (**Lucuma grandiflora**).

Esse material quando livre do ataque constante que vem sofrendo, recomporá áreas de matas típicas, sem que contudo, venha a interferir, por sua posição, na visão dos pontos históricos (igreja, monumentos, etc) ocupantes dos níveis altos dos morros, cuja vegetação é em boa parte de porte baixo a médio (tabuleiros e anexos).

Desses tabuleiros são componentes entre outras espécies: Mangabeira (**Hancornia speciosa**), murici de tabuleiro (**Byrsonima verbascifolia**), batiputá (**Ouratea sp.**), **Ouratea fieldingiana**, **Croton sellowii**, angélica (**Guettarda platypoda**), **Byrsonima crassifolia**, **Trachypogon vestitus**, **Byrsonima gardneriana** e **Echinolaena inflexa**.

Esses tabuleiros, de fisionomia biestratificada, onde os elementos lenhosos são naturalmente esparsos e de baixo a médio porte, não irão dificultar a visão à distância.

O coqueiral, contando com maior concentração próximo à igreja, tem sido

invadido em alguns locais por espécies arbóreas como: pitombeira (**Talissia esculenta**), Inga bahiensis, Guazuma ulmifolia e mesmo joazeiro **Ziziphus joazeiro**). Essa consorciação é desaconselhada, convindo bem mais, manter os espaços entre os coqueiros apenas com vegetação herbácea. Agradável efeito cênico será obtido pelo plantio na periferia do coqueiral, de árvores de floração vistosa como: paus-d'arco (**Tabebuia avellanedae**), **Tabebuia serratifolia**, **Tabebuia chrysotricha** e outras, flamboyant (**Delonix regia**), bisnaga (**Spathodea campanulata**, etc.).

As vias de circulação, os espaços ao redor das novas edificações, monumentos cívicos, igreja, etc., receberão um tratamento mais detalhado, onde será buscado integrá-los na paisagem, contribuindo, ao mesmo tempo, para maior colorido e beleza do conjunto.

ANEXO 3

ORÇAMENTOS

A — Resumo dos orçamentos das obras de urbanização e ajardinamento. (*)

1.	Urbanização externa do acesso principal, incluindo passarela sobre a via de penetração sul	351.352,16
2.	Movimento de terra	
2.1	— Faixas de rolamento, acostamentos e estacionamentos	960.000,00
2.2	— Pistas de ciclismo	95.790,00
2.3	— Canteiros e passeios	1.035.150,00
2.4	— Calçadas	256.470,00
3.	Calçadas	
3.1	— Calçadas em placas de concreto	74.810,18
3.2	— Calçadas em pedra portuguesa	1.756.728,00
4.	Pavimentação	
4.1	— Blokrete	3.010.720,00
4.2	— Concreto	1.198.160,00
4.3	— Saibro	689.400,00
4.4	— Revestimento asfáltico (pista bicicleta)	410.800,00
4.5	— Acostamento asfáltico	480.000,00
5.	Meio-fio de concreto	1.723.237,80

6. Bueiros	895.875,00
7. Canteiros, gramados e arborização	1.551.419,50
8. Bancos de concreto	465.525,00
9. Espelhos d'água e fontes	72.409,01
10. Pontos para irrigação	67.831,70
11. Arrimos e muretas (lago e restaurantes)	72.294,00
12. Passadiço	77.026,00
13. Brinquedos e tubos	21.080,00
14. Área de recreação do Riacho da Batalha	70.970,81
15. Arquibancadas e escadarias da área esportes	46.814,12
16. Cercas e alhambrados	956.465,00
17. Palanques e abrigos	43.886,00
18. Tratamento do adro	19.776,00
19. Coreto da arena	45.855,60
TOTAL	16.409.396,02

Não estão incluídas as obras que deverão ficar a cargo de outros órgãos federais ou estaduais, como rede de distribuição d'água, rede de eletricidade, iluminação externa, rede de telefones, barragem do lago artificial e execução da sementeira.

B — Resumo dos Orçamentos das Edificações (*)

UNIDADE ORÇADA	CUSTO UNITÁRIO
01. Pavilhão de acesso	857.009,05
02. Pavilhão de Botânica	286.990,96
03. Restaurante do lago	1.009.037,68
04. Vestiários da área de esportes	293.633,14
05. Camping	588.848,57
06. Lanchonete	315.130,11
07. Museu da Restauração	4.637.412,21
08. Restaurante Panorâmico	1.271.970,95
09. Arena	747.503,74
10. Administração	703.627,61
11. Instalações auxiliares	201.994,55
TOTAL	Cr\$ 10.913.158,57

No presente orçamento não está incluído o Motel-Escola, cujo Projeto só poderá ser elaborado a partir da definição do Programa pelo SENAC.

(*) A preços de Novembro 1974

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a colaboração das seguintes entidades e pessoas :

- 1 — Comando Costeiro da FAB
- 2 — Conselho de Desenvolvimento do Estado de Pernambuco
- 3 — Departamento Nacional de Estradas de Rodagem
- 4 — Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (1º Distrito)
- 5 — Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
- 6 — Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
- 7 — Prof. Hermilo Borba Filho
- 8 — Prof. José Antônio Gonçalves de Mello Neto.

PLANO GERAL DO PARQUE

